



INTERFACES DA COVID-19

IMPRESSÕES MULTIFACETADAS
DO PERÍODO DE PANDEMIA

Cristiane Damiani Tomasi
Jacks Soratto
Luciane Bisognin Ceretta

(ORGANIZADORES)

ediunesc



INTERFACES DA **COVID-19**

**IMPRESSÕES MULTIFACETADAS
DO PERÍODO DE PANDEMIA**

Cristiane Damiani Tomasi
Jacks Soratto
Luciane Bisognin Ceretta

(ORGANIZADORES)

CRICIÚMA
UNESC
2020



2020©Copyright UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense
Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário – C.P. 3167 – 88806-000 – Criciúma – SC
Fone: +55 (48) 3431-2500 – Fax: +55 (48) 3431-2750

Reitora

Luciane Bisognin Ceretta

Vice-Reitor

Daniel Ribeiro Preve

Conselho Editorial

Dimas de Oliveira Estevam (Presidente)

Angela Cristina Di Palma Back

Cinara Ludvig Gonçalves

Fabiane Ferraz

Marco Antônio da Silva

Merisandra Côrtes de Mattos Garcia

Miguelangelo Gianezini

Nilzo Ivo Ladwig

Rafael Rodrigo Muller

Reginaldo de Souza Vieira

Ricardo Luiz de Bittencourt

Richarles Souza de Carvalho

Wilson Menegon Bristot

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSCol)

Coordenação do PPGSCol - Gestão 2018-2021

Cristiane Damiani Tomasi

Fabiane Ferraz

Professores do PPGSCol

Antônio Augusto Schäfer

Cristiane Damiani Tomasi

Fabiane Ferraz

Fernanda de Oliveira Meller

Jacks Soratto

Joni Márcio de Farias

Lisiane Tuon

Luciane Bisognin Ceretta

Maria Inês da Rosa

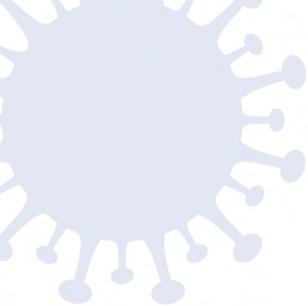
Renan Antônio Ceretta

Vanessa Iribarrem Avena Miranda

Willians Cassiano Longen

Área de Concentração

Gestão do cuidado e educação em saúde



Editora da UNESC

Editor-Chefe: Dimas de Oliveira Estevam

Revisão textual: Márcia Regina Pereira Sagaz

Normalização ABNT: Marco Antonio Lapa Silveira

Projeto gráfico, diagramação e capa: Luiz Augusto Pereira

Revisão final: Jacks Soratto



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica



As ideias, imagens e demais informações apresentadas nesta obra são de inteira responsabilidade de seus autores e organizadores ou editores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

I61 Interfaces da Covid 19 [recurso eletrônico] : impressões multifacetadas do período de pandemia / Cristiane Damiani Tomasi, Jacks Soratto, Luciane Bisognin Ceretta, organizadores. - Criciúma, SC: UNESC, 2020. 135 p. : il.

Modo de acesso: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/300/5886/>>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov>

ISBN: 978-65-87458-15-1

1. Novo coronavírus - Miscelânea. 2. Corona vírus disease 2019 (COVID-19). 3. Surtos de doenças. 4. Pandemias. I. Título.

CDD - 23. ed. 050

Bibliotecária Elisângela Just Steiner - CRB 14/1576

Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida, por qualquer meio ou forma, sem prévia permissão por escrito da Editora da Unesc.



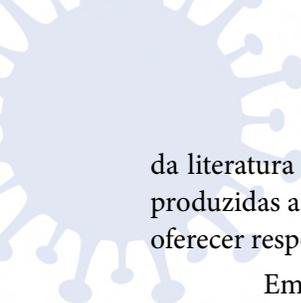
PREFÁCIO

Como resultado de anos dedicados ao estudo da saúde coletiva, dos padrões de adoecimento no nível populacional e dos desafios para implementação de políticas de saúde pública que sejam capazes de responder às necessidades de todos – particularmente dos grupos mais vulneráveis –, tenho estado cada vez mais convencido de que uma crise de saúde pública nunca é *apenas uma crise de saúde pública*. Essa convicção faz-se ainda mais forte em tempos de pandemia da covid-19, que tem gerado impactos profundos em todos os cantos do planeta.

Já faz mais de um ano desde que os primeiros casos se manifestaram, e o cenário global ainda é marcado por profundas incertezas – ainda não existem remédios eficazes contra o vírus –, apesar da centena (talvez milhares) de estudos em andamento; medidas de prevenção e/ou contenção do contágio são implementadas com base em evidências frágeis e muitas vezes controversas e com resultados ou efeitos colaterais imprevisíveis; e, apesar das boas notícias sobre o potencial lançamento de vacinas em um curto espaço de tempo, tudo indica que ainda levará um tempo enorme para que seja vacinado um número suficiente de pessoas no mundo de modo a serem criadas barreiras imunológicas eficazes contra o Sars-CoV-2 (se é que isso será realmente possível).

A única certeza que persiste quase dez meses depois de a Organização Mundial de Saúde ter admitido que o mundo enfrentava uma pandemia, é de que *esta crise de saúde pública não é apenas uma crise de saúde pública*: trata-se de uma crise que, embora tenha seu início em uma doença – campo de estudo das Ciências da Saúde – acabou por transbordar por todas as esferas e dimensões da vida humana, convertendo-se em crise econômica, crise social, crise moral, crise cultural...

Desde que foi decretado o *lockdown* na cidade em que vivo, tenho observado atentamente os desdobramentos *dessas crises* em diferentes esferas e distintas maneiras: da minha janela, vejo claramente como a pandemia afetou o comportamento das pessoas – todas elas no dia a dia; pelas telas do computador, a partir dos inúmeros canais de notícias, é possível ver como os modos de vida até então considerados normais foram totalmente abalados; por meio

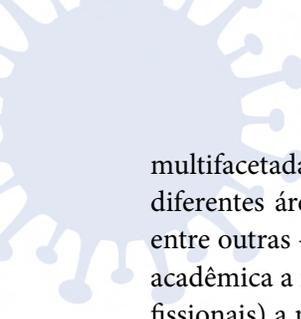


da literatura disponível, com publicações novas praticamente a cada semana produzidas a “toque de caixa”, vejo como a comunidade científica tem tentado oferecer respostas para *as crises*.

Em todas essas observações, algumas coisas em comum, sendo a principal delas a manifestação de dicotomias e conflitos importantes, embora, quando consideradas com cuidado, não passam, muitas vezes, de construções ideológicas que não resistiriam a um questionamento racional: saúde *vs.* economia; política *vs.* ciência; senso comum *vs.* conhecimento acadêmico, são alguns dos mais explícitos. Mais sutis – e, potencialmente de maior potencial destrutivo, talvez – são as dicotomias e conflitos internos em campos do saber que deveriam nos ajudar a manter a *racionalidade*. É assustador, por exemplo, encontrar na comunidade científica, da qual faço parte, tanto grupos que defendem cegamente o isolamento social e outras medidas de contenção como únicas medidas possíveis para lidarmos com a pandemia, quanto grupos que afirmam taxativamente que tudo isso é um exagero e que tudo ficará bem se deixarmos o Sars-CoV-2 seguir seu curso natural. O fato de que tais conflitos existam explicita o quanto o saber científico não é capaz de oferecer as respostas definitivas que muitas vezes se dele – fica claro o quanto o tempo da ciência não combina com a tomada de decisões apressadas –, o que intensificar a busca por consensos mínimos entre diferentes atores que muitas vezes se digladiam na disputa por poder.

Em momentos de incerteza, talvez o melhor que possamos fazer é aguçar o máximo possível nossa capacidade de reflexão, de pensar sistemicamente e de ponderar todas as alternativas disponíveis e suas possíveis consequências, construindo os pactos possíveis e realizando as concessões necessárias para minimizar o impacto das crises e encontrar caminhos para sua superação.

O grande desafio aqui é que construir pactos e realizar concessões pressupõe o estabelecimento de diálogo entre *diferentes* – disciplinas, ideologias, interesses – que, muitas vezes, encontram-se em conflito. Por isso, o lançamento dessas “Interfaces da covid-19: impressões multifacetadas do período de pandemia” é bastante oportuno por abrir espaço para manifestações das mais diversas sobre experiências vividas durante a pandemia e no seu enfrentamento. Trata-se de um texto, em certa medida, tão multifacetado como são



multifacetadas *as crises* em jogo em tempos de covid-19. Ao reunir textos de diferentes áreas – da saúde à engenharia, passando pela educação e cultura entre outras – bem como diferentes modos de produção – de roupa mais acadêmica a fotografias, passando por relatos de experiências (pessoais e profissionais) a poesia e crítica literária, *Interfaces da covid-19* oferece uma visão caleidoscópica dos muitos dramas – pequenos ou grandes, triviais ou decisivos – resultantes *das crises*.

Diante de tantas incertezas, um de seus grandes méritos é abrir espaço para diferentes reflexões e não ter a menor pretensão de oferecer respostas definitivas. Assim, que os textos aqui apresentados possam servir como combustível para mais – e mais profundas – reflexões e de inspiração para trabalhos em todas as áreas – científica, política, cultural etc. – que possam contribuir para o *novo normal* que emerge *das crises* resulte em um mundo novo que caminhe para a superação das dicotomias e conflitos que nos trouxeram até aqui.

Wagner Silva Ribeiro

***Pesquisador do Care Policy and Evaluation Centre
London School of Economics and Political Science, UK***



SUMÁRIO

Algumas reflexões sobre interfaces da pandemia da covid-19: quando um vírus convoca a humanidade a “outrar-se”

Fabiane Ferraz

Cristiane Damiani Tomasi

Luciane Bisognin Ceretta

Jacks Soratto



16

INTERFACES ANALÍTICAS

O vírus, o príncipe e a máscara num conto de Edgar Allan Poe

Gladir da Silva Cabral



20

Quando a pandemia atinge o interior do lar

Rafael Zaneripe de Souza Nunes

Lisiane Tuon Generoso Bitencourt



22

Pandemia da covid-19, instabilidade econômica e a influência no bruxismo e disfunção temporomandibular

Julia Niero Zanatta Streck



24

O coronavírus nos convid(a) a repensar novas linhas de cuidado

Diego Floriano de Souza

Ioná Vieira Bez Birolo



26



Pandemia do novo coronavírus e o sistema de saúde público

*Gabriela Fernandes Kupinski
Rafael Amaral Oliveira*



28

Covid-19 e o luto de papéis: o encontro com o papel de sobrevivente

*Gabriela Pereira Vidal
Amanda Castro*



30

Covid-19: negligência governamental e precariedade do sistema público de saúde

*Gustavo Bristot Guimarães
Yago Marcelino Maciel*



32

O isolamento social humano e a relação com os não-humanos

Amanda Bellettini Munari



34

A consolidação do e-commerce: uma visão positiva em meio ao caos

*Luízi Agassi Benedet
Eliana Marcon Cadorin*



36

Importância das políticas públicas no combate à pandemia

*Renata Antonia Ferrazzo
Ioná Vieira Bez Birolo*



38

Valorização da enfermagem e a pandemia: isso também vai passar?

*Bruna Duarte
Cristiane Damiani Tomasi*



40



Brasil como um dos epicentros da pandemia

Alex Paulo Zeferino Padilha



42

Civilização culturalmente solidária

Gisele da Silva Rezende da Rosa

Adriane dos Santos Silva Soltau



44

Memórias da gripe espanhola... Memórias da covid-19

Richarles Souza de Carvalho

Gladir da Silva Cabral



46

Na covid-19: resiliência para o idoso

Anderson Felisberto Cristiano



48

Da invisibilidade à linha de frente: trabalho de cuidados e covid-19

Vitória de Oliveira de Souza

Patrícia Mariano



50

Pós-pandemia: o desafio da reinvenção

Fernanda Nascimento D'agostin

Renan Antônio Ceretta



52

Coronavírus e a odontologia

Bruna Menegon Fabris

Letícia Boesing Külkamp



55

Pandemia: seus desafios e ensinamentos

Júlia Steiner Pugem

Natália Duarte Machado Pinto



57



**Formação inicial docente:
o corpo presente-ausente no ensino remoto**

Francine Nazário-Silva



59

O lugar da arte em tempos da covid-19

Viviane Maria Candiotti

Gladir da Silva Cabral



61

Idosos em tempos da covid

Neiva Junkes Hoepers

Susana Raquel Perico Pavei



63

**Saúde e operação da construção civil em tempos
da covid-19**

Weslei Leandro da Silva



66

**O impacto da covid-19 sobre a saúde mental dos
cirurgiões dentistas**

Letícia Ferrarini Ferrarezi

Renan Antonio Ceretta



69

**Obesidade como fator de risco na pandemia da
covid-19**

Hexael Demarch

Lisiane Tuon Generoso Bitencourt



71

INTERFACES DA EXPERIÊNCIA



73

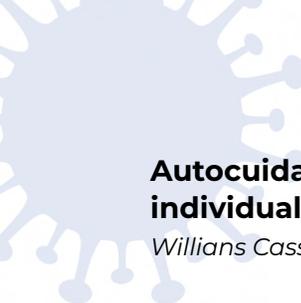
**Impactos da automedicação em tempos de
pandemia covid-19**

Jéssica Pacheco da Silva

Larissa de Oliveira de Batista



74



Autocuidado apoiado, proteção coletiva e individual, em época de crise humanitária

Willians Cassiano Longen



76

Os desafios das cidades em tempos de escassez de recursos e pandemia: uma breve reflexão!

Nilzo Ivo Ladwig



78

Cuidado psicológico on-line ofertado no contexto de pandemia pelo Programa Acolher da Universidade do Extremo Sul Catarinense

Tamires Rosa Pacheco

Dipaula Minotto da Silva



80

Fitoterapia como terapia para a covid-19

Fernando Oriques Pereira

Jéssica Pacheco da Silva



82

Sala Edi Balod em *home office*

Daniele Cristina Zacarão Pereira

Bruna Speck da Silva



84

Interação e interdisciplinaridade em tempos da covid-19

Leila Laís Gonçalves

Elenice Padoin Juliani Engel



86

Incertezas sobre o futuro: a soma dos sofrimentos crônicos com a covid-19 no Centro de Atenção Psicossocial

Fernanda Vicenzi Pavan

Janaína Tápparo Braier



88



Grupo terapêutico AD [álcool e outras drogas] no CAPS durante o período pandêmico

Jacqueline Formigari

Carla Maysa Wenderlich Wessling



90

Uso da tecnologia no combate à covid-19

Marceli Velho Nazário

Fernanda Guglielmi Faustini Sônego



93

A utilização de ervas e plantas medicinais como forma de cuidado à saúde mental em tempos da covid-19

Jamine Bernieri



95

INTERFACES LITERÁRIAS



97

O legado da pandemia

Nayara de Souza Moraes



98

De passagem, uma pandemia

Quincas Avelino



100

Entre o medo e a esperança

Luiza Borges Rodrigues



102

Reflexões pandêmicas

Mariane Amanda de Oliveira



103

Com-tato

Thalita Gheleri Bauer

Alice da Silva Meis



105



Vivenciando uma pandemia

Dipaula Minotto da Silva

Tamires Rosa Pacheco



107

Vimos, vivemos e viveremos

Josiane Javorski

Fernanda de Souza Fernandes



109

O temor da escuridão

Aline Lemes De Souza

Carine Vendruscolo



111

Educação física e a covid-19

Geiziane Laurindo de Moraes



113

E se?

Renata Ribeiro Costa Machado



115

Pandemia nutricional

Ednara Savio Caetano

Rita S. Vieira Ribeiro



116

Na cova de cal

Alan Cichela



117

A pandemia as margens da sociedade

Victor Fernandes Alexandre



118

INTERFACES DOS CENÁRIOS

Crise aguda dos valores humanos

Filipe Fernandes Gabriel



119



120



Sobreviventes

Joao Luis Silva Rieth



121

Sorrir com os olhos

Guilherme Souza De Oliveira



122

Quinta-feira

Julia Berto Cirio de Castro



123

Pelos corredores e quartos do hospital

Fernanda de Souza Fernandes



124

Covid-19 e Equipamentos de Proteção Individual: uma realidade

Daiane Mendes de Assis Réus



125

Solitário e sereno

Amalhene Baesso Reddig



126

Devaneios de um lugar

Andressa Gomes Flor



127

Quando você é cuidado por seu colega de trabalho

Fernanda Vicenzi Pavan



128

Rotina de trabalho e suas adaptações

Janaína Tápparo Braier



129

Idosos em aula por recursos tecnológicos

Anderson Felisberto Cristiano



130



Gradeamento I

Juliana Drewke Oliveira



131

Diálogo e conscientização: compondo modos de fazer saúde em tempos de pandemia

Fernanda Nascimento D'agostin



132

Contemplação do pôr do sol em tempos da covid-19

Andréia Borges Bartolomeu



133

Ser profissional de saúde em tempos da covid-19

Jamine Bernieri



134

Medidas necessárias

Alex Paulo Zeferino Padilha



135

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE INTERFACES DA PANDEMIA DA COVID-19: QUANDO UM VÍRUS CONVOCA A HUMANIDADE A “OUTRAR-SE”

Fabiane Ferraz

Cristiane Damiani Tomasi

Luciane Bisognin Ceretta

Jacks Soratto

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov01>

Em dezembro de 2019, em um mercado de frutos do mar na cidade de Wuhan, capital da província Hubei, na China, houve notificação do primeiro caso de uma pneumonia inespecífica que posteriormente seria caracterizada como o um novo tipo de coronavírus, denominado Sars-CoV-2 causador da covid-19.

Esse agravo específico atingiu exponencialmente um número considerável de pessoas sendo atribuído como uma pandemia no dia 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Essa pandemia produziu medo, insegurança, desespero, angustia, dor, sofrimento, desesperança, saudades... Mas também, foi um ano de oportunidades, de ressignificação, de resiliência, de compreensão, de cooperação, de amparo, de solidariedade, de compaixão, de convite a enxergarmos “querendo ver” o/a outro/a, enfim, de desenvolvermos a tão importante alteridade.

O que moveu, e ainda move as pessoas a se conectarem a um, ou a outro sentimento/sensações? Será que é a capacidade de empatia, de se importar? Sim, se importar com o/a outro/a, com o “outro” mais próximo – nossos familiares e amigos/as; ou o “outro” distante – quem nem conhecemos, mas acompanhamos pela mídia ou redes sociais “virar estatística”, ou aquele “outro” que exerce a função profissional de cuidar de quem adoece, ou aqueles “outros” aos quais as medidas restritivas e de cuidados para evitar a covid-19 não produzem sentidos, pelo simples fato, que não têm como manterem-se isolados se, o poder público, não prover um efetivo sistema de proteção social (FELICIELLO; GAVA, 2020). Àqueles “ou-

tros” que sim, a pandemia mostra sua face mais cruel, pois a essas pessoas não há opção de escolha, visto que não estão vivendo apenas “um ano difícil”, mas, sim, suas vidas são muito difíceis, e infelizmente, em nossa sociedade, são valoradas de formas distintas.

Frente a isso, percebemos que, uma das possibilidades que a situação que vivenciamos nos convoca é a de “outrar-se”. Mas o que é isso? Que convocação é essa? Que implicação ela nos causa? Será que enquanto seres humanos, temos realmente essa capacidade?

Gomes (2005), em seu artigo “Adeus ao eu: a enunciação do outrar-se”, analisa essa expressão a partir da perspectiva de grandes pensadores da atualidade como Bakhtin, Deleuze, Benveniste bem como referencia a compreensão do maior poeta da língua portuguesa, Fernando Pessoa quando refere que no “outrar-se” temos o dever do “eu como um outro”. Mas em meio a grandes filósofos e pensadores do nosso tempo, como produzir sentido ao termo de uma forma que todos/as consigam compreender? Assim, também buscamos esse termo em espaços que o senso comum procura, e encontramos que “outrar-se” na Infopédia é definido como “[...] deixar-se contagiar por algo de sentido novo e diferente (por exposição a culturas, climas, linguagens, pensamentos), deixando-se transformar num ser novo, distinto, que veste uma nova personalidade ou forma de estar no mundo”.

Nesse sentido, o convite realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSCol) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), era para que os/as autores/as expressassem as suas perspectivas sobre uma pandemia, a intensão foi de permitir. Permitir múltiplas vozes, permitir múltiplas expressões de seu modo de ver e sentir, permitir as mais variadas formas de demonstrar as “faces” de uma pandemia, a fim de que ao lermos os diversos capítulos dessa publicação compreendêssemos que nesses momentos difíceis, vivenciamos a possibilidade de nos resignificarmos, de “outrar-se”.

A construção do conhecimento é um desafio em todos os tempos, e na situação que estamos vivendo, tornou-se ainda maior. É necessário e ético compreendermos que há muitas “faces” que se interconectam nesse momento. A característica multifatorial da pandemia nos convida a apresentar múltiplos olhares, traduzidos em fatos, cenas e impressões sociais, os quais se destacam em textos críticos, científicos, relatos de experiência, crônicas, poesias e imagens (fotos) que sinalizam aos leitores “a vida” nesse cenário pandêmico.

Assim, esse material possibilitou dar visibilidade e dizibilidade a 67 obras que expressam concepções, experiências e imagens que denotam com criticidade e sensibilidade as situações do cotidiano, deixando mais nítido as movimentações que aconteceram no campo teórico, acadêmico, social e político vivenciado no estado de Santa Catarina, Brasil.

As produções científico-literárias e fotográficas traduzem as dificuldades encontradas para manutenção da vida e superação das difíceis condições que boa parte da população vivenciou. Mas também, reportam a capacidade de reinvenção daquilo que outrora nunca foi modificado. Desejamos que as reflexões produzidas por essa obra, estruturada por múltiplas mãos, efetivamente nos mobilize a “outrar-se”.

REFERÊNCIAS

FELICIELLO, Domenico; GAVA, Gustavo Bonin. Economia e pandemia: lockdown, flexibilização e defesa da vida. *Cadernos de Pesquisa NEEP*, Campinas, v. 89, p. 1-20, set. 2020. Disponível em: <https://www.nepp.unicamp.br/upload/documentos/publicacoes/bab8beb42dac07efe3ab6e7b6ebfcde9.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

GOMES, José Ney Costa. Adeus ao eu: a enunciação do outrar-se. *Kalíope*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 93-109, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/view/3143/2075>. Acesso em: 30 nov.

OUTRAR-SE. In: INFOPÉDIA. *Dicionários*. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$outrar-se](https://www.infopedia.pt/$outrar-se). Acesso em: 14 dez. 2020.

OBRAS CONSULTADAS

OLIVEIRA, Adauto Emmerich *et al.* A Pandemia da covid-19 diante da dor de todos nós: notas para intrusão de uma comunicação social e suas interfaces com a saúde mais cidadã. *OZIRIS – Observatório de Risco*, Coimbra, Portugal, p. 1-5, 2020. Disponível em:

http://www.ces.uc.pt/ficheiros2/sites/osiris/files/OSIRIS_Aduto%20Emmerich%20Oliveira%20et%20al_R.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.



INTERFACES ANALÍTICAS

Escritos reflexivos ou opinativos com potencial analítico diverso e que contempla a situação pandêmica nos indivíduos e coletividades.

O VÍRUS, O PRÍNCIPE E A MÁSCARA NUM CONTO DE EDGAR ALLAN POE

Gladir da Silva Cabral

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov02>

O conto de Edgar Allan Poe “A máscara da morte rubra” (1842) relata uma história aterradora sobre um vírus que assola um país inteiro. A população já havia sido reduzida à metade. Numa inusitada decisão, o príncipe daquele reino arrasado resolve isolar-se do resto da população contaminada. Pensando assim, ele chama “mil amigos saudáveis e festivos” para se esconderem numa “abadia acastelada” – são os cúmplices dos seus desejos de felicidade privada. Os portões de aço do castelo foram chumbados a ferrolhos. “A abadia tinha provisões em abundância. Com tais precauções, os cortesãos poderiam desafiar o contágio. O mundo exterior tomaria conta de si mesmo”. Enquanto isso, a peste se alastrava pelo país. Os sintomas eram assustadores: vermelhidão na pele, manchas pelo corpo, dores agudas, tonturas súbitas e o profuso sangramento pelos poros. A contaminação era fulminante: entre os primeiros sintomas e a morte fatal, passavam-se apenas 30 minutos.

A abadia escolhida como refúgio contava com sete salões, cada um decorado pesadamente com cores e motivos distintos – havia o salão azul, o púrpura, o verde, o laranja, o branco, o violeta e o preto. Nas paredes de cada salão, havia vitrais combinando com as cores internas. A iluminação vinha de um corredor externo, onde tripés sustentando braseiros em chama que lançavam seus clarões através dos vitrais. A intenção talvez fosse produzir efeitos belos; o resultado, no entanto, era fantasmagórico e aterrador, principalmente no último salão, decorado de preto, que também continha um grande relógio de ébano que marcava as horas com fortes badalas.

Passado algum tempo, para vencer o tédio e a rotina daquela quarentena sem data para acabar, o Príncipe resolve dar uma grande festa. Esse é mais um sinal de sua racionalidade enviesada: uma festa palaciana em meio à desgraça do mundo. Ele foge da atitude mais sensata para um governante

naquela altura da história, que seria um espírito contrito capaz de conhecer a linguagem do lamento. Em vez disso, promove um grande baile à fantasia, com muita comida, bebida, orquestra de música, dança, bufões, artistas, improvisadores, e convidados usando máscaras exóticas, bizarras.

No baile de máscaras, no qual os convidados participam de modo luxurioso, tudo faz crer que estamos no limite entre o que é aceitável, o que está dentro do decoro, e o grotesco, o que ultrapassa essa medida, algo que os antigos gregos associavam ao conceito de *hybris*. E foi essa desmesura última e absoluta que identificaram no porte e na máscara do novo convidado, do estranho que subitamente apareceu e interrompeu a festa, uma presença perturbadora que desfaz a roda do poder. Esse personagem chega ao fim da narrativa, perto da meia-noite, quando a tensão das batidas do relógio atingia seu ápice.

Essa é uma história sobre o poder e como o Príncipe foge das urgências do dia e do povo e se isola em seu mundo imaginário. É assustadora a falta de solidariedade e responsabilidade para com os que ficaram do lado de fora da abadia. É o poder sem amor, sem um mínimo de empatia pelos pobres e adoentados. Mas a vida não é uma festa à fantasia, a vida é para valer, e quem evita o caminho da responsabilidade pelo outro, da solidariedade, acaba tendo de encarar um acerto de contas final consigo mesmo e com a história.

REFERÊNCIAS

POE, Edgar Allan. A máscara da morte rubra. *In*: POE, Edgar Allan. *Contos de terror, de mistério e de morte*. Tradução de Oscar Mendes. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. [1842]. p. 130-135.

QUANDO A PANDEMIA ATINGE O INTERIOR DO LAR

Rafael Zaneripe de Souza Nunes

Lisiane Tuon Generoso Bitencourt

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov03>

A pandemia do novo coronavírus trouxe diversas mudanças no cotidiano da população. As rotinas, antes estabelecidas, abruptamente assumiram um novo caráter com as medidas de isolamento social, levando a modificações significativas na dinâmica intrafamiliar. O lar, ou a ideia que se tem, traz uma conotação de ambiente protetor, acolhedor e caloroso, que no meio do caos vivenciando, poderia trazer algum conforto e consolo, seja por meio das paredes conhecidas dos cômodos ou da relação com os que ali vivem. A realidade tende a se mostrar diferente em muitos lares brasileiros, cuja morada é permeada de sofrimento, tensão e agressividade, adoecida pela famigerada violência doméstica.

A manifestação dessa triste realidade ocorria muito antes da covid-19 ou das medidas de isolamento (quicá uma pandemia anterior a que estamos vivendo). Pode-se classificá-la como uma “pandemia doméstica” ou “caseira”, aquela que adoce o lar, as relações, a vida, que tira seu calor e sua razão de ser chamada de lar. Nesses momentos, em que se vive uma realidade que a população se encontra a maior parte do tempo nos domicílios, o medo e raiva se tornam uma mistura tóxica, potencializando os episódios de violência, principalmente no interior das residências. Os vulneráveis que estão a mercê de situações temerárias e que ferem seus direitos agora enfrentam um triplo desafio: ter o agressor (que agora está frustrado, com medo e/ou raiva) mais tempo dentro do domicílio; temer o risco de contaminação fora de seu domicílio em decorrência da situação pandêmica; e a dificuldade de estabelecer contato com o ambiente externo e vice-versa, na busca de auxílio pela situação enfrentada.

Nesse período em especial, mulheres e crianças estão mais suscetíveis a violência doméstica e intrafamiliar (GARCIA; DUARTE, 2020), o que levanta a questão: quais as articulações da esfera pública frente a essa situação? Giovanella (2020) argumenta que o enfoque comunitário e territorial da Atenção Básica no Sistema Único de Saúde (SUS) pode contribuir no enfrentamento a pandemia. Nessa perspectiva, tal enfoque abriria um leque de possibilidades, frente aos efeitos secundários das atuais circunstâncias, no caso, o aumento potencial de violência doméstica. Inclusive, a articulação das redes do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e SUS pode ser uma forte aliada no enfrentamento dessa conjuntura, pois por meio da intercessão dos sistemas na esfera da gestão pública, é possível ampliar o número de notificações e intervenções em ambientes acometidos desse mal.

A violência doméstica é muitas vezes uma demanda invisível e subestimada pelos profissionais, e nesse cenário pandêmico, o agressor acaba achando uma camuflagem ainda melhor para seus atos cruéis: o isolamento. Embora a medida de isolamento seja necessária, os entes públicos não podem deixar de pensar sobre as consequências advindas de sua aplicação, sendo que elas não são puramente econômicas. A violência dentro dos lares é mais frequente do que se pensa que é, e mobilizar-se nesse momento não é apenas possibilidade, é dever.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da covid-19 no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, DF, v. 29, n. 3, p. 1-4, 2020.

GIOVANELLA, Ligia. *APS na rede de enfrentamento à covid-19*. Rio de Janeiro: ENSP/ Editora da Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40918>. Acesso em: 1º jun. 2020.

PANDEMIA DA COVID-19, INSTABILIDADE ECONÔMICA E A INFLUÊNCIA NO BRUXISMO E DISFUNÇÃO TEMPOROMANDIBULAR

Julia Niero Zanatta Streck

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov04>

A rápida disseminação do novo coronavírus (covid-19) e a instalação de uma pandemia criou um ambiente de insegurança, medo e com grandes mudanças na rotina da população. Atividades cotidianas, como trabalhar, levar os filhos para a escola, ver os pais aos fins de semana, comemorar aniversários, ir ao cinema, entre tantas outras, de repente, foram proibidas, modificando em grande escala a vida da sociedade. Além do medo de uma nova doença, altamente contagiosa e com potencial letalidade, o isolamento social, necessário para conter a doença, impactou fortemente as atividades econômicas da sociedade.

Com o retorno gradual e lento das atividades econômicas e sem previsão do fim do distanciamento social, o aumento do estresse, ansiedade, perda da qualidade do sono, depressão, entre outros, comprometem a saúde mental da população. Diante desse quadro, a pandemia da covid-19 cria um ambiente propício para o desenvolvimento das Disfunções Temporomandibulares (DTM), que em sua etiologia multifatorial, os fatores psicossociais aparecem de forma prevalente nos pacientes.

As DTM são alterações na articulação temporomandibular (ATM) e em tecidos associados a ela, como os músculos da mastigação e tendões, que podem ser percebidas como barulhos e dor na região em frente ao ouvido, na mandíbula, face e cabeça. A ativação do Sistema Nervoso Autônomo (SNA), devido à sobrecarga emocional proveniente da pandemia, dispara eventos que geram variação de calor e frio, palpitações, náusea, diarreia, taquicardia e aumento da vasoconstricção muscular, esse último com grande influência na DTM. Além desses, sabe-se que a deterioração do sono precede o aparecimento da DTM. O sono tem um papel importante na regeneração muscular e

regulação da homeostase do organismo, sendo fundamental para a qualidade de vida. Ao iniciar o processo de baixa qualidade do sono e presença de dor, pode-se criar um ciclo no qual um mantém o outro, dificultando o tratamento adequado da DTM e restabelecimento da saúde mental.

O estado de estresse e ansiedade causado pela pandemia também pode aumentar a frequência do bruxismo da vigília, que ocorre quando estamos acordados, caracterizado pelos hábitos de morder a boca, empurrar a língua contra os dentes, encostar os dentes repetidamente ou de forma sustentada, ranger os dentes e torcer a mandíbula. O bruxismo da vigília é um fator de risco para DTM, além de trazer outras consequências para o sistema estomatognático, como quebra de restaurações, próteses, implantes, trincar dentes, entre outros.

Uma vez que os impactos psicossociais referentes à pandemia da covid-19 ainda serão percebidos por anos, há uma probabilidade que exista um aumento de pacientes com queixas de DTM e bruxismo da vigília. É importante que a população conheça essas condições e busque o tratamento adequado, impedindo a cronificação da doença e, conseqüentemente, o comprometimento da qualidade de vida dessas pessoas.

OBRAS CONSULTADAS

SLADE, Gary D. *et al.* Painful temporomandibular disorder: Decade of Discovery from OPPERA Studies. *Journals Dent Res*, Chapel Hill, North Carolina v. 95, n. 10, p. 1.084-1.092, 2016.

FILLINGIM, Roger B. *et al.* Psychological factors associated with development of TMD: the OPPERA prospective cohort study. *Journals Pain*, [s.l.], v. 14, Supl. 12, p. T75-T90, 2013.

O CORONAVÍRUS NOS CONVID(A) A REPENSAR NOVAS LINHAS DE CUIDADO

*Diego Floriano de Souza
Ioná Vieira Bez Birolo*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov05>

Com o advento na China, da pandemia da covid-19, que vem se disseminando rapidamente por todos os continentes, rompem alguns desafios, devido à facilidade de contágio do vírus e seu potencial de propagação em espaços fechados. Por conta desses fatores, o isolamento social se faz necessário, evitando, dessa forma, a busca massiva dos serviços de saúde por usuários. No entanto, surgiram alguns nós críticos: como garantir a continuidade do cuidado com a saúde em tempos de pandemia? Este relato tem por objetivo descrever a experiência do cuidado em saúde, por meio de uma ferramenta de teleatendimento durante a pandemia da covid-19.

Frente a esse paradoxo, imposto pela nova pandemia, abre-se a oportunidade de criar linhas de cuidado, novos modos de cuidar da vida e de saúde da população (MERHY; FRANCO, 2003).

A Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) disponibilizou ferramenta de teleatendimento via WhatsApp, na qual a comunidade pode passar por triagem e ser encaminhada aos serviços de referência, também receber informações relacionada à covid-19. No primeiro momento, o usuário interage respondendo perguntas de pré-cadastro estabelecidas pelo sistema, depois é direcionado para atendimento personalizado com profissionais da residência multiprofissional da área da saúde, quando tem a possibilidade de esclarecer dúvidas, e receber os devidos encaminhamentos de acordo com seu quadro clínico.

Essa forma de cuidado tem se mostrado segura, tanto para o profissional, quanto para o usuário, além de aumentar a capacidade de atendimento do sistema de saúde, facilitar o acesso das pessoas as orientações qualificadas, contribuir para a redução da sobrecarga da Atenção Primária em Saúde e ou-

tros níveis de atenção e, por fim, auxiliar no itinerário dos usuários dentro do sistema. Considerando o grande número de afastamentos laborais de muitos profissionais de saúde na vigência da epidemia, o teleatendimento possibilita a esses profissionais atuarem remotamente.

Porém existem algumas dificuldades, que vão desde a operacionalização das ferramentas pelos usuários até o modo como os profissionais se veem e atuam nessa nova modalidade de atendimento. Acredita-se que essa última dificuldade seja a mais delicada de ser compreendida e superada, pois, à medida que o teleatendimento possibilita novas linhas de cuidado, requer novos modos de produção desse cuidado, exige maior capacidade inventiva para o relacionamento entre profissional e paciente. Sendo que, a dificuldade em atuar na prevenção inicia ainda na formação, que possibilita poucos momentos de experimentação de ações como essas, de trabalho vivo e ato (MERHY; FRANCO, 2003).

O teleatendimento tem se mostrado uma alternativa eficiente no combate à pandemia da covid-19, no entanto, exige um movimento de Educação Permanente em Saúde dos profissionais, a fim de reconhecer as lacunas de sua atuação. Desse modo, espera-se superar as limitações do profissional, pois quando voltado para a lógica biomédica, muitas vezes, condiciona sua atividade, reduzindo a dimensão cuidadora à lógica curativista.

REFERÊNCIAS

MERHY, Emerson Elias; FRANCO, Túlio Batista. Por uma composição técnica do trabalho centrada nas tecnologias leves e no campo relacional. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 27, ano 2002, n. 65, set./dez. 2003.

OBRAS CONSULTADAS

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Coronavirus*. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/westernpacific/health-topics/coronavirus>. Acesso em: 20 jun. 2020;

PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS E O SISTEMA DE SAÚDE PÚBLICO

*Gabriela Fernandes Kupinski
Rafael Amaral Oliveira*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov06>

Atualmente a sociedade está passando por um dos momentos mais críticos das últimas décadas: a pandemia do novo coronavírus, que já infectou mais de 6 milhões de pessoas em todo o mundo, até o presente momento. A partir dessa perspectiva, o Sistema Único de Saúde (SUS) se apresenta com a finalidade de garantir o acesso universal e gratuito para toda a população do País, colaborando assim no tratamento aos pacientes infectados com a covid-19. Entretanto, o regime assistencial no Brasil se anuncia deficiente e sobrecarregado, o que gera a carência no auxílio à população pelo sistema de saúde público. Nesse sentido, esses desafios devem ser superados de imediato, para que uma sociedade integrada seja alcançada.

Primeiramente, cabe pontuar o subfinanciamento e a má gestão dos recursos disponíveis como os principais obstáculos que comprometem bons resultados na saúde pública. Conforme dados divulgados pela organização Contas Abertas, solicitado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), cerca de R\$ 174 bilhões deixaram de ser aplicados pelo Ministério da Saúde de 2003 a 2017. Esse valor representa 11% do total autorizado, cerca de R\$ 1,6 trilhão, para o Ministério da Saúde no Orçamento Geral da União (OGU) durante aquele período. Destarte, grande parte dos recursos deixaram de ser utilizados em obras e compras de equipamentos médico-hospitalares, políticas de gestão, tecnologias leves e leve-duras, principais estratégias que deveriam ser empregadas no aperfeiçoamento do SUS.

Consequentemente, identifica-se uma crise na saúde pública brasileira. Nas regiões Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro); Nordeste (Ceará) e Norte (Amazonas), a saúde preventiva e assistencial ofertada não condiz com a demanda, acarretando na falta de leitos de UTI, ocasionada pela superlotação,

e de infraestrutura de equipamentos especializados para atender aos pacientes infectados, como nos revela o jornal Folha de São Paulo. Dessa forma, o Estado é impelido a providenciar ações emergenciais, como a implantação de hospitais provisórios. Vale ressaltar que, em muitos destes lugares, é respeitado o número de leitos de UTI preconizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), porém, devido às políticas de isolamento social desrespeitadas pela população e grande potencial de contaminação do vírus circulante, beira-se ao caos.

Diante desse prisma, são imprescindíveis parâmetros que visam atenuar os desafios enfrentados pelo sistema público de saúde brasileiro. Infere-se a execução, por parte do Poder Executivo Federal, no encaminhamento de dinheiro para o setor da saúde, por intermédio de recursos oriundos de impostos federais. Desse modo, busca-se melhorar e ampliar um sistema público de saúde universal no que se refere à infraestrutura, na compra de equipamentos adequados, em especial neste momento de pandemia, respiradores, máscaras, óculos, contratação de profissionais específicos e qualificados. Para assim, o sistema nacional ser capaz de abranger toda a população necessitada, reafirmando seu caráter universal, integral e equânime, fazendo com que esse seja o maior sistema público de saúde existente, o qual atente mais de cem milhões de pessoas.

OBRAS CONSULTADAS

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. *Em 15 anos, União deixa de aplicar R\$ 174 bilhões na saúde*. [2018?]. Disponível em: <https://sobedrj.com.br/novo/2018/02/em-15-anos-uniao-deixa-de-aplicar-r-174-bilhoes-na-saude>. Acesso em: 30 maio 2020.

FOLHA DE S. PAULO. *SUS nos estados não tem leitos de UTI contra o coronavírus*. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio-e-saude/2020/03/sus-nos-estados-nao-tem-leitos-de-uti-contra-o-coronavirus.shtml>. Acesso em: 30 maio 2020.

COVID-19 E O LUTO DE PAPÉIS: O ENCONTRO COM O PAPEL DE SOBREVIVENTE

Gabriela Pereira Vidal

Amanda Castro

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov07>

Um momento de pandemia e as situações ocasionadas por ela, como o isolamento social, podem gerar complicações relacionadas à saúde mental, como o agravamento de patologias já existentes ou surgimento de outras. Entre essas complicações está o luto. Strauch (2017, p. 50) descreve que “[...] o luto é uma reação natural à privação do convívio de alguém ou de algo significativo”. Assim, este é relacionado as perdas de forma geral, inclusive, perdas de papéis. De acordo com Moreno (1993, p. 27), “[...] o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos”. Por meio desse conceito, pode-se perceber os diversos papéis que um sujeito desempenha em seu cotidiano, entre eles: pai ou mãe, filho/a, esposo/a, trabalhador/a, estudante, entre outros.

Correlacionando a teoria psicodramática, o luto e a covid-19, são nítidas as perdas e mudanças nos papéis. Entre as perdas, pode-se destacar alguns exemplos: muitos perderam seus empregos e assim seus papéis enquanto trabalhadores; muitos precisaram abandonar papéis de autocuidado relacionados a exercícios físicos, cuidados com a beleza e outros; e alguns estudantes, sem acesso às tecnologias de informação, perderam seu papel de alunos durante o isolamento social.

Já as mudanças talvez sejam mais percebidas, entre elas destacam-se: a implantação do *home office*, mudando a forma como muitos desempenham seu papel como trabalhador; mães e pais que tomaram o papel de professores; em muitas famílias os filhos e netos, de forma geral, passaram a ser os responsáveis por atividades de cuidado como as idas ao mercado, buscando a

proteção do público de risco; o uso de máscaras e outros utensílios de proteção e cuidado em diversos dos nossos papéis, são alguns exemplos.

Diante desses lutos de papéis, o que resta ao sujeito, talvez, seja o descrito por Strauch (2017): acolher suas angústias, fortalecer os papéis que ficaram, revisitando com carinho lembranças pré-pandemia. Viver e aceitar a ausência de controle durante a pandemia e no pós-pandemia, permitir-se realizar simbolicamente momentos e rituais de conclusão não possíveis durante o isolamento e ressignificar essas perdas para se abrir a novos e diferentes papéis.

Conclui-se que, em meio as perdas, uma forma de manter a saúde mental em tempos de pandemia, talvez possa ser buscar reconhecer-se em novos papéis. Identificando o novo cenário, experimentando novas respostas, aceitando o caráter de incontornabilidade e encontrando o papel de sobrevivente.

REFERÊNCIAS

MORENO, Jacob Levy. *Psicodrama*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993.

STRAUCH, Vanessa Ramalho Ferreira. Ressignificação da morte na abordagem psicodramática: perdas e ganhos no luto. *Rev. bras. Psicodrama*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 59-67, jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/15329/2318-0498.20170006>. Acesso em: 8 dez. 2020.

COVID-19: NEGLIGÊNCIA GOVERNAMENTAL E PRECARIIDADE DO SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE

*Gustavo Bristot Guimarães
Yago Marcelino Maciel*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov08>

O poema “No meio do caminho”, do modernista Drummond, revela de forma metafórica a existência de obstáculos no percurso humano. De maneira análoga, é possível perceber que a pandemia do Sars-CoV-2 tornou-se uma pedra no meio do caminho da sociedade moderna, haja vista que aprofunda a inexistência de um pleno bem-estar social. Assim, é preciso analisar como a negligência de parcela das autoridades e a precariedade do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro contribuem para a intensificação desse grave problema contemporâneo.

Diante disso, é indubitável que a questão governamental e a sua ineficiente gestão estejam entre as causas do problema. Segundo o filósofo grego Aristóteles, a política deve ser utilizada de modo que, por meio da justiça, o equilíbrio seja alcançado na sociedade. Por outro lado, é possível perceber que, no Brasil, a displicência por parte do Poder Executivo rompe essa harmonia, haja vista que as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) estão sendo ignoradas, colaborando para a desorientação da população e o consequente aumento do número de infectados. Tal atitude fundamenta-se em um discurso capitalista inconsequente, de modo que coloca a economia imediata acima da saúde da população, colocando em risco milhões de vidas e o mais impactante, causando dezenas de milhares de mortes em prol da saúde financeira em vez da humana, tornando aquele obstáculo apontado por Drummond ainda maior na realidade brasileira.

Outros sim, destaca-se como impulsionadora do problema a negligência histórica diante do SUS. De acordo com a Constituição Cidadã, todos os indivíduos da sociedade possuem o direito de receber acesso à saúde, sen-

do dever do Estado oportunizá-la. Entretanto com o sucateamento da saúde intensificado pelo congelamento dos investimentos em serviços públicos pela “PEC do teto dos gastos”, conhecida também como “PEC da morte”, tal princípio de dever vem sendo descumprido, impedindo o acesso de milhares de brasileiros à garantia da dignidade de manter o seu equilíbrio físico e mental em homeostase. Assim não apenas dezenas de milhares de pacientes estão perdendo sua vida para a covid-19, mas com a falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a falta de biossegurança os próprios profissionais da linha de frente da saúde estão perdendo o combate. No atual estágio, o Brasil é recordista mundial em morte de enfermeiros e médicos pela covid. Dessa forma, padece o sistema de saúde, usuários e profissionais, e a sociedade como um todo, estando novamente exposta a mais uma das barreiras estabelecidas pela falta de zelo constitucional, distanciando-se cada vez mais daquele equilíbrio aristotélico.

Portanto, diante do exposto, fica evidente que os entraves são a negligência de parcela das autoridades e o conseqüente descaso com o sistema de saúde brasileiro. Logo, com objetivo de garantir a saúde e o bem-estar de todos os cidadãos, o Ministério da Saúde deve absorver as orientações da OMS e garantir o cumprimento dessas medidas fundamentais diante de inédita pandemia. Por fim, é urgente uma maior coordenação dos setores públicos – especialmente a partir do governo federal – de modo que o sistema público de saúde tenha suporte físico e científico para prevenir e superar as novas ondas de infecção. Assim, toda a comunidade poderá receber os cuidados adequados e apropriados, afastando aquelas pedras do meio do caminho da sociedade contemporânea.

O ISOLAMENTO SOCIAL HUMANO E A RELAÇÃO COM OS NÃO HUMANOS

Amanda Bellettini Munari

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov09>

Muito tem se discutido acerca da relação do ser humano com os animais não humanos, especialmente os animais de companhia, cães e gatos. Com o aumento significativo da comercialização de animais de companhia para satisfazer as necessidades humanas, houve um crescimento moral que adentrou ao longo do tempo na sociedade, especialmente com a divulgação da *Declaração de Cambridge sobre a sem ciência animal*¹. A partir disso, a sociedade contemporânea ocidental estreitou sua relação com os animais, passando, muitas vezes, a considerá-los como membros de sua família.

Em contrapartida, há tempos observa-se o abandono de animais em praças, *campus* de universidades e próximos a abrigos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que 30 milhões estão em situação de vulnerabilidade, abandonados, sendo em torno de 10 milhões de gatos e 20 milhões de cães. Em municípios de grande porte, a estimativa é de um cachorro para cada cinco habitantes (JUSBRAZIL, 2015).

O abandono, que se apresentou como realidade em outros países na fase mais crítica da pandemia, no Brasil, no momento mais avançado da doença, também tomou grandes proporções. É triste que, em razão de um temor infundado, as pessoas acabem abandonando seus animais. Não há indícios de que os animais, cães e gatos, domiciliados, não domiciliados e comunitários, possam transmitir a covid-19 aos seres humanos.

Ao analisar essa nova configuração social em tempos de pandemia, pode-se perceber que, a partir da estreita relação consolidada, que considera todas as formas de vida importantes, muitas pessoas despertaram, nesse período, o afeto e o cuidado até com os animais não domiciliados.

¹ Declaração de Cambridge sobre a consciência em animais. Disponível em: fcmconference.org. Acesso em: 16 jun. 2020.

Os animais abandonados sofrem durante esse período de quarentena, tendo em vista que protetoras, defensoras dos animais e simpatizantes da causa, que os alimentavam todos os dias, tiveram que alterar seu comportamento diário em virtude do isolamento social, não podendo sair de suas casas. Alguns por conta da idade, outros porque já foram infectados ou porque convivem com indivíduos que fazem parte do grupo de risco.

REFERÊNCIAS

DECLARAÇÃO de Cambridge sobre a consciência em animais. *In*: THE FRANCIS CRICK MEMORIAL CONFERENCE. *Consciousness in Human and Non-Human Animals*. LOW, Philip; EDELMAN, David; KOCH, Christof (ed.). Cambridge, UK: Wolfson Hall, Churchill College, July 7, 2012. Disponível em: fcmconference.org. Acesso em: 16 jun. 2020.

JUSBRASIL. *Brasil tem 30 milhões de animais vivendo nas ruas*. 2015. Disponível em: <https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/100681698/brasil-tem-30-milhoes-de-animais-abandonados>. Acesso em: 16 jun. 2020.

A CONSOLIDAÇÃO DO E-COMERCE: UMA VISÃO POSITIVA EM MEIO AO CAOS

Luizi Agassi Benedet
Eliana Marcon Cadarin

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov10>

A pandemia de coronavírus configurou-se como uma oportunidade de reeducação no que diz respeito à saúde e à higiene, já que fazer uma limpeza adequada das mãos usando água e sabão é o principal cuidado para evitar a contaminação. Para conter ainda mais a disseminação, do vírus a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o isolamento social. Nesse sentido, as empresas frente à crise econômica, puderam se beneficiar por meio do comércio eletrônico para continuarem operando desde que se reinventassem para o mundo digital, possuindo uma oportunidade de consolidar-se nesse meio até mesmo depois do término da pandemia.

Muitos empreendimentos que estudavam a estratégia de tornarem-se *e-commerce*, frente à pandemia, anteciparam sua entrada nesse setor, por acreditarem que essa mudança fosse uma das melhores formas de continuarem no mercado. Isso se deve ao fato de que muitas cidades impediram a livre circulação de pessoas, tornando a única alternativa o uso de internet para compras. Porém os empreendedores encontram dificuldades pelo caminho que devem ser enfrentadas com ações direcionadas para a transição; entre elas, investir em mídias, conquistar novos consumidores e adequar seu *marketing* e suas propagandas ao meio digital com o foco na melhor experiência possível a seu usuário.

Além disso, o número de *sites* destinados à compra aumentou significativamente e conseqüentemente acirrou a concorrência, tornando-se vital que a empresa proporcione a mais atrativa e otimizada experiência de compra.

Nesse contexto, as expectativas da Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm), de que o *e-commerce* nunca deixaria de crescer mesmo com retração do Produto Interno Bruto (PIB) e/ou outras dificuldades,

foram confirmadas, já que a entidade calcula a abertura de 80 mil novas lojas *on-line* durante a quarentena. Destacando ainda que subiu em quase um milhão o número de consumidores que haviam, pelo menos, efetuado uma nessa modalidade.

Diante do exposto, é observável a importância de alavancar os negócios no meio digital investindo de forma pesada no público que antes era resistente a tal modalidade de compra, devido à quebra de paradigma imposto pelo isolamento social. Um grande empecilho para esse modelo de compra está relacionado à falta de contato com o produto, à dificuldade de devolução e à demora na entrega. Para amenizar esse problema, deve haver maior disponibilidade de fotos, busca por alternativas de entrega mais baratas e rápidas, além de disponibilizar meios de comunicação e realizar o atendimento mais eficiente e rápido possível. Todas essas alternativas para melhorar a qualidade visam fidelizar os clientes de modo que realizem outras compras.

As mudanças ocorridas no *e-commerce*, neste momento excepcional, alavancam o já emergente mercado digital. Esse isolamento social proporcionou espaço para que as pessoas se reinventassem, priorizando mais a saúde. Nesse sentido, as empresas precisam caminhar junto a essas mudanças e impulsionar suas economias de maneira criativa para vencer a crise. E para tal se faz necessário trabalho estratégico, captação de clientes e enfrentamento da competitividade. A longo prazo, a loja física precisará se readaptar para estar intimamente ligada ao mundo digital, o qual não possui fronteiras, com vistas a auferir melhores receitas. Com tudo isso, prevalece a lei de sobrevivência darwiniana, já que quem melhor conseguir se adaptar é quem sairá consolidado.

IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO COMBATE À PANDEMIA

Renata Antonia Ferrazzo

Ioná Vieira Bez Birolo

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov11>

Ao final do ano de 2019, principiaram a repercutir na imprensa mundial notícias relativas a um vírus, denominado “novo coronavírus”, que vinha acometendo os chineses. Em janeiro, o vírus começou a se alastrar por outros países e, em março, teve-se ciência do primeiro caso no Brasil. Posteriormente, descobriu-se que o vírus já circulava no País desde fevereiro.

Alastrada por centenas de países, a pandemia tem sido combatida de maneiras distintas, mas frequentemente com tensões entre a proteção da vida e a manutenção da economia. No caso do brasileiro, o Chefe de Estado tem priorizado a economia, com postura que a comunidade internacional define como negacionista. Em seu discurso, a pretexto de tentar justificar suas decisões, já minimizou a gravidade do vírus, negou a alta taxa de transmissibilidade bem como já rejeitou o risco de colapso no sistema de saúde, caso medidas preventivas não fossem adotadas. Milhares de mortos e milhões de infectados têm refutado esses argumentos; então, o presidente passou a acusar a imprensa de fazer “alarde” e causar pânico desnecessário na população.

Ainda no caso brasileiro, uma das poucas medidas adotadas pelo Governo Federal, foi a recomendação do uso de medicamento (cloroquina) sem comprovação de eficácia, mas com altos riscos para saúde humana, por conta dos efeitos adversos.

No âmbito internacional, os países com melhores resultados no combate à pandemia foram os que reconheceram e adotaram cedo medidas preventivas. Foi essa a postura e não a riqueza econômica do Estado que fez a diferença na proteção das vidas. Um caso que evidencia isso, é o dos Estados Unidos da América: país com o maior Produto Interno Bruto (PIB), mas com o maior número de mortes pela doença, seguido pelo Brasil: ambos, países

liderados por presidentes que priorizam a economia e negam a gravidade da pandemia, negligenciando, dessa forma, a responsabilidade na prestação de políticas públicas efetivas.

Mas o caso brasileiro tem outros agravantes, pois também têm ocorrido muitos desentendimentos entre os níveis federal, estaduais e municipais de governo, que não se limitam a posições diferentes a respeito da pandemia, pois chegam a discussões judiciais sobre os limites dos poderes de cada um quanto às ações devidas nesse cenário de crise. Numa avaliação geral, pode-se dizer que as posturas do Governo Federal estão entre as mais nocivas para a saúde pública, pois, a depender desse praticamente não haveria isolamento, já que vários pronunciamentos do presidente brasileiro estimulavam a circulação e aglomeração de pessoas, chegando ele próprio a participar de algumas reuniões públicas com seus manifestantes apoiadores. Outro agravante é a violência e o desrespeito de parte da sociedade contra autoridades, cientistas e profissionais de saúde engajados no combate à pandemia e na defesa de políticas públicas mais rigorosas, mais abrangentes e mais eficazes na diminuição de agravos à saúde e à proteção da vida das pessoas.

Os diferentes resultados que têm decorrido das posturas das autoridades são uma demonstração da importância do Estado e, principalmente, da prestação de políticas públicas para proteção da população. Essa tem sido, literalmente, a diferença entre a vida e a morte da comunidade.

VALORIZAÇÃO DA ENFERMAGEM E A PANDEMIA: ISSO TAMBÉM VAI PASSAR?

Bruna Duarte

Cristiane Damiani Tomasi

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov12>

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu 2020 como um grande marco para enfermagem, instituindo-o como ano internacional dos profissionais de enfermagem e das parteiras. Além disso, o ano marca o bicentenário do nascimento de Florence Nightingale, fundadora da enfermagem moderna. Segundo a OMS, o objetivo é valorizar e promover o trabalho realizado pela enfermagem. Essa decisão foi anterior à covid-19; não se imaginava que a enfermagem, justamente no ano em sua homenagem, seria mais necessária e valorosa do que a própria campanha da OMS buscava lembrar.

A história da enfermagem traz alguns elementos que mostram o protagonismo da profissão em diferentes cenários caóticos, como a própria Florence, durante a Guerra da Criméia, em que sua atuação permitiu uma redução de 80% para 2% de óbitos dos soldados feridos. Entretanto, a profissão esteve invisibilizada por muito tempo, sendo desprestigiada, desvalorizada, questionada sobre sua capacidade técnica científica.

Em outros países, como a Inglaterra, terra de Nightingale, a enfermagem está entre as profissões mais respeitadas. No Brasil, em meio à pandemia, enfermeiros e enfermeiras são ameaçados e agredidos durante protesto silencioso, em que se respeitava o distanciamento social. Nas ruas, não incomuns, são os relatos de pessoas se afastando (fisicamente) dos profissionais, pois os entendem como risco em meio à pandemia. Além disso, profissionais de enfermagem estão adoecendo e perdendo a vida pela covid-19 diariamente.

A pandemia traz a reflexão sobre as condições de trabalho das equipes de enfermagem em diversos ambientes. Em muitos casos, lugares precários, situações insalubres, sem acesso a Equipamentos de Proteção Individual

(EPIs), com equipes subdimensionadas, realizando duplas jornadas de trabalho, salários miseráveis, enfrentando no seu cotidiano situações de assédio moral, conflitos éticos, sofrimento mental e exaustão física. Hoje o espaço dedicado, nas mídias sociais, enaltecendo a profissão, em que, carinhosamente, os profissionais são citados como heróis da saúde, já foi palco de descredibilização à profissão. Mas com certeza os profissionais da enfermagem ao contrário de heróis, ou, até mesmo, “anjos de branco”, não são invencíveis e imortais. Eles são tão humanos como qualquer outra pessoa, têm suas próprias fragilidades, necessitam de condições dignas de trabalho.

Enquanto um mundo inteiro ainda está em busca de vacinas que possam prevenir a doença e medicamentos para tratamento, a população em regime de isolamento social, assombrados por incertezas e medos, a enfermagem que é chamada à luta, para prestação de cuidado, aplicando seus saberes técnicos e científicos, evidencia sua prática, sai da invisibilidade e assume o papel que já é seu, protagonista no combate à covid-19.

Para que a valorização da enfermagem não seja apenas algo que *também vai passar*, é necessário que a discussão do papel protagonista do enfermeiro se amplie para além do enfrentamento da covid-19. Para além de gestos de respeito e carinho, a enfermagem necessita de apoio da sociedade e dos governantes para o reconhecimento da prática, não apenas nesse momento de luta contra a covid-19, mas, principalmente, depois, para que todo esse protagonismo no momento de pandemia não seja passageiro e sim transformador para profissão trazendo um real respeito, melhorias e conquistas.

OBRAS CONSULTADAS

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Year of the nurse and the midwife*. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/campaigns/year-of-the-nurse-and-the-midwife-2020>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BRASIL COMO UM DOS EPICENTROS DA PANDEMIA

Alex Paulo Zeferino Padilha

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov13>

No filme *Contagio*, uma cidadã norte americana, ao realizar uma viagem de negócios à China, contamina-se com um vírus altamente transmissível e letal. Depois da disseminação global do vírus, diversos países e cidades entram em colapso e como sua única forma de defesa aderem a quarentena até a criação de uma vacina. De forma análoga à ficção, um novo vírus denominado Sars-CoV-2 espalhou-se originalmente na China, e alastrou-se freneticamente em todos os continentes causando um declínio na saúde global. Em decorrência disso, o Brasil pelo seu alto nível de contaminados vem se tornando um dos epicentros da terrível pandemia.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) indica que o Brasil é o 2º país com o maior número de casos confirmados pelo novo coronavírus, com mais de 800.000 casos, ficando atrás somente dos EUA que possuem mais de 2.000.000 casos confirmados. A desigualdade ao acesso à saúde e a recursos preventivos como máscaras, gel antisséptico e a falta de testes rápidos e a inexistência dos resultados contribuem tanto para ascensão dos números de casos confirmados quanto para o aumento de casos subnotificados, assim, ocasionando uma falsa ideia de controle sobre o vírus.

Além disso, episódios semelhantes, como a pandemia da gripe espanhola, em 1918, representam um marco na história em que a gestão dos governos tardaram sobre implantação de medidas protetivas, ocasionando em um das piores pandemia da humanidade. Em paralelo a isso, a negligência do governo brasileiro em relação aos critérios de proteção sanitária, culmina no relaxamento sobre medidas de isolamento social desse modo facilitando a proliferação do vírus ocasionado no aumento do número de casos.

Portanto, medidas são necessárias para resolver esse impasse. Sendo assim, a Receita Federal deve disponibilizar uma maior parte dos impostos

arrecadados para a área da saúde, a fim de beneficiar hospitais, e Unidades Básicas de Saúde para a compra de mais testes rápidos; Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e gel antisséptico para a distribuição a comunidades e a pessoas em vulnerabilidade econômica. Além do mais, o Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Educação, deverá investir em pesquisas científicas em universidades e hospitais para além da elaboração de uma vacina, também diagnósticos mais exatos e precisos. De acordo com o filósofo Edmund Burke, o povo que não conhece sua história está condenado a repeti-la. Assim sendo, o Governo Federal deve ser mais rígido sobre a atuação das medidas preventivas sanitárias, e também implantar multas a locais e indivíduos que promovem aglomerações de pessoas, desse modo evitando a transmissão do vírus.

CIVILIZAÇÃO CULTURALMENTE SOLIDÁRIA

Gisele da Silva Rezende da Rosa

Adriane dos Santos Silva Soltau

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov14>

Refletir e elaborar novas possibilidades sobre as medidas adotadas pelas escolas no enfrentamento da covid-19 no ano de 2020 são ações necessárias para reduzir o impacto educativo e social, e remetem a pensar uma civilização culturalmente solidária. E, são os efeitos na aprendizagem discutidos em secretarias de educação e entre professores que acabam por evidenciar que a tecnologia tem sido uma ferramenta significativa neste momento pandêmico. Uma vantagem para o contexto em que o mundo vivencia, porém, esse recurso não preconiza a personalização do professor mediador, nem do convívio social.

Desatenção, depressão, ansiedade, pânico, transtornos e síndromes, todos esses nomes que damos às dificuldades existenciais, fazem parte da existência humana. Tais condições somadas ao confinamento residencial tornam um desafio ainda maior para o professor que atende no mínimo 20 aprendizes em cada turma. A questão é que a alfabetização é uma etapa de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas e de constituição do sujeito. Pois é no período de alfabetização e socialização que a criança se desenvolve, adquire autonomia, e aumenta sua capacidade intelectual. Nesse processo de aquisição do conhecimento, o aluno vai desenvolvendo-se de acordo com sua capacidade, mas o apoio que recebe em casa neste período pode não estar assegurando uma educação equânime, principalmente na questão do acesso aos recursos tecnológicos.

Talvez, a educação possa estar no auge de uma racionalidade técnica, resolvendo assim, problemas materiais dos homens, pelo menos de uma parte deles, no entanto, suas dificuldades existenciais, podem estar condenados a medicação. Assim, se a criança apresentar comportamentos desajustados, falta de limites, inquietação será o adulto o responsável por intervir de

modo a diminuir esse sofrimento e conseqüentemente a medicalização é o método imediato para apagar essas dores dos responsáveis.

Para Carli (2016), o crescente fenômeno da medicalização é alarmante, vem aumentando a cada dia, segundo o relato de profissionais da educação. E, tratar como doença ou patologia os comportamentos desajustados configuram-se numa tendência simplificadora, produzindo efeitos negativos na construção da subjetividade da criança e de uma possível civilidade solidária.

Os limites das TICs aparecem dentro dessa conjuntura pandêmica, ao estabelecer prioridades nos conteúdos técnicos em detrimento da experiência social, ou de uma experiência alternativa. Pode ser que as possibilidades de reelaborar nossa ação, perpassasse em rever o papel da escola, no sentido de resgatar o ser humano, pois, segundo Dias (2002), há alternativas para pelo menos mitigar essa crise por meio de uma “ética global” regida por valores humanitários harmonizadores, e isso caracterizaria um novo estilo de vida. Uma educação com caráter eminentemente interdisciplinar, capaz de reunir esforços para protelar profundas mudanças, visto que a escola tem intensificado a conscientização das pessoas sobre os problemas do caráter utilitarista nas relações humanas.

REFERÊNCIAS

CARLI, Fabíola Giacomini de. A patologização e a medicalização da infância: epistemologia subjacente e repercussões na escola. *In*: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (ANPEd Sul), XI., 24 a 27 jul. 2016, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: ANPED SUL, 2016.

DIAS, Genebaldo Freire. *Pegada ecológica e sustentabilidade humana*. São Paulo: Gaia, 2002.

MEMÓRIAS DA GRIPE ESPANHOLA... MEMÓRIAS DA COVID-19

*Richarles Souza de Carvalho
Gladir da Silva Cabral*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov15>

No artigo “O Pacto Autobiográfico, 25 anos depois”, Philippe Lejeune (2014), estudioso da escrita de si, assume, com certo constrangimento, o quanto havia ignorado textos autobiográficos escritos por seu bisavô. Em tom confessional, ele admite o equívoco que havia cometido anos antes, quando pensava que era “[...] praticamente impossível que alguém que não tenha nenhuma experiência de composição literária, e cuja vida nunca tenha sido expressa por algum tipo de criação, escreva uma autobiografia tal como a definimos.” (LEJEUNE, 2014, p. 87).

Por preconceito, ele achava que só gente famosa poderia produzir textos autobiográficos relevantes. Anos mais tarde, ele admite: “[...] menosprezei o talento de meu próprio bisavô, Xavier-Édouard Lejeune, comerciante e autor de uma autobiografia cujo verdadeiro modo de leitura levei 10 anos para descobrir.” (LEJEUNE, 2014, p. 88).

Os escritos do senhor Pérsio de Carvalho, organizados postumamente em livro (não publicado), constituem fonte de estudo sobre a memória e o processo de escrita de si. Pérsio nasceu em 1909 e faleceu em 1986. Seu testemunho autobiográfico, escrito no final dos anos 1970, tem passagens interessantíssimas sobre a experiência de vida do sujeito, sua atitude perante desafios da existência, as escolhas bem como sobre o processo seletivo e de reconstrução da própria memória. Particularmente, há uma referência que o autor faz à gripe espanhola, que se espalhou pelo mundo entre 1918 e 1920 causando a morte de mais de 50 milhões pessoas.

Lembrando-se de sua infância, escreve:

A recordação amarga foi a da epidemia de gripe, a célebre “gripe espanhola”, em 1918, uma das grandes epidemias

mundiais. Dizia-se, na época, que tinha feito mais vítimas que a primeira grande guerra mundial, pois ainda criança, assisti nessa cidade de Cataguazes [sic], o seu cataclisma. Não havia uma só casa que não tivesse um doente. O número de vítimas mortais era enorme. Como criança, não tinha noção do que estava acontecendo. Recordo-me que em casa de minha tia, todos ou quase todos caímos doentes. O contágio era rápido e violento. Não havia médico para tratar e nem havia necessidade deles, sem tratamento específico. Das suas complicações cada um se tratava como podia e sabia. Quando muito, recomendações de cuidados gerais. Só sei que o tratamento que tivemos era: cama, aspirina e chá de melão São Caetano, um melãozinho que dá em forma de trepadeira. Pois, com este tratamento e a nossa resistência orgânica, *não tivemos em nossa família nem um caso fatal*. (CARVALHO, 1980, p. 8, grifo nosso).

A leitura dessa narrativa constrói semelhanças entre os fatos acontecidos durante a pandemia da gripe espanhola com os momentos vivenciados em 2020 na pandemia da covid-19. Pêrsio era uma criança em 1918 e afirmou que não tinha muita noção do que estava acontecendo. As crianças em 2020 também não estão entendendo direito o que está acontecendo. E os adultos? Têm dimensão deste momento histórico?

Com sorte, daqui a alguns anos, biografias poderão ter algo de diferente em relação à narrativa do senhor Pêrsio, por exemplo: as vítimas mortais em 2020 na pandemia da covid-19 não foram tanto quanto as vítimas da gripe espanhola. Oxalá também haja algo semelhante como: não houve em nossa família nenhum caso fatal.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Pêrsio de. *Memórias*. 1980. Obra inédita.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico, 25 anos depois. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria G. Noronha, Maria Inês Coimbra. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 70-85.

NA COVID-19: RESILIÊNCIA PARA O IDOSO

Anderson Felisberto Cristiano

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov16>

Em 30 de janeiro de 2020, com o surgimento do novo vírus chamado covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou urgência para saúde pública internacional. A vida de muitas pessoas vem sofrendo transformações devido às novas medidas de prevenção. Para pessoas acima de 60 anos, o risco de pegar esse vírus, que pode levar a óbito, é muito maior. Dessa forma, os idosos foram surpreendidos com o isolamento social obrigatório para a preservação de sua saúde. O que já era difícil devido às mudanças físicas de degeneração pela idade avançada, a exclusão da sociedade por conta da aposentadoria, as doenças crônicas, a perda de amigos e redução de independência e autonomia, ganhou significado ainda mais duro.

É visto que o isolamento social traz consigo a solidão, e com ela, a depressão, como apontam Cacioppo *et al.* (2006), em seu artigo intitulado “Loneliness as a specific risk factor for depressive symptoms: cross-sectional and longitudinal analyses”. Seus estudos mostram que os níveis de solidão de pessoas acima de 54 anos foram associados a sintomas mais depressivos. Complementam os autores, que idosos podem fugir dos males da solidão mantendo-se ativos, em contato com colegas de grupos sociais, familiares, amigos e compartilhando bons momentos que lhes proporcionem bem-estar. Diante dessa pandemia é necessário que o idoso tenha consciência de que mesmo em isolamento, é possível estar rodeado de amigos e familiares, com ajuda da tecnologia.

Nesse viés, para o idoso, como qualquer outro ser humano, enfrentar consequências de uma pandemia é um tanto desconfortável, mas trata-se de um desafio necessário. E o primeiro desafio é a resiliência. Gerino *et al.* (2017), no estudo intitulado “Loneliness, resilience, mental health, and quality of life in old Age: a structural equation model”, comentam sobre as formas de diminuir os níveis de angústia e amargura. Para as autoras, com o aumento da resiliência

e autorrealização, os idosos podem expressar redução do descontentamento trazido pela solidão durante seu isolamento social. Assim, com um elevado grau de resiliência é possível contribuir para a melhora da qualidade de vida física e psicológica diminuindo a ansiedade e a depressão.

Em tempos da covid-19, os idosos utilizam da resiliência com a ajuda dos profissionais da área da educação e da saúde, ressignificam-se aprendendo a mexer em plataformas *on-line* para dar continuidade em atividades sociais, como aulas de dança pelo Google Meet, postagem de fotos em Instagram, Facebook, encontros e diálogos pelo Zoom e WhatsApp. A solidão é um problema de saúde pública que pode ser amplamente resolvido, mas isso exigirá o total envolvimento e apoio da comunidade.

REFERÊNCIAS

CACIOPPO, John *et al.* Loneliness as a specific risk factor for depressive symptoms: cross-sectional and longitudinal analyses. *Psychol Aging*, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 140-151, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16594799/>. Acesso em: 22 jul. 2020.

GERINO, Eva *et al.* Loneliness, resilience, mental health, and quality of life in old age: a structural equation model. *Front. in Psychol.*, [s.l.], v. 8, article 2003, p. 1-12, nov. 2017. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2017.02003/fullhttps://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5694593/pdf/fpsyg-08-02003.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

DA INVISIBILIDADE À LINHA DE FRENTE: TRABALHO DE CUIDADOS E COVID-19

*Vitória de Oliveira de Souza
Patrícia Mariano*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov17>

O trabalho dos cuidados é majoritariamente exercido por mulheres. Logo, em tempos pandêmicos, quando se fala em “linhas de frente”, torna-se importante destacar que a maior parcela da força de trabalho que atua no combate à pandemia é composta de mulheres. Considera-se aqui o trabalho de cuidado desde a atividade de cuidadoras de crianças ou idosos e empregadas domésticas, ao de enfermeiras, técnicas de enfermagem, médicas, fisioterapeutas e outras profissionais da saúde; desde o trabalho doméstico ao trabalho nos dispositivos de saúde como hospitais, centros de triagem, Unidades Básicas de Saúde. O trabalho de cuidado, nessa perspectiva, não pressupõe a existência de uma relação diretamente posta entre os sujeitos que cuidam e os que são cuidados, há de se considerar também trabalhos não remunerados.

De acordo com o Relatório da ONU “Mulheres no centro da luta contra a crise covid-19”, 70% de trabalhadores da saúde do mundo são mulheres, mesmo número encontrado na realidade brasileira, sendo que, especificamente na área da enfermagem, 85% da classe é composta de enfermeiras e técnicas de enfermagem, enquanto a classe médica é composta de 45,6% de mulheres. É nesse contexto que se estruturam categorias de trabalho na base da estratificação social e plenamente exercidas pelas mulheres. São trabalhos constantemente precarizados, subalternizados e que marcam os processos de adoecimento psíquico e físico dessas trabalhadoras.

Órgãos, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) apontam que a desigualdade afetará ainda mais as mulheres na pós-pandemia. A crise atinge fortemente àquelas que têm menos escolaridade, que estão em setores como serviços domésticos, sem nenhuma seguridade social, com pouca ou nenhuma proteção e expostas diariamente à insalubridade. Há também de se considerar

uma redução significativa na oferta de empregos, que antes eram ocupados por essas trabalhadoras informais. São essas fissuras, já existentes em tempos pré-pandêmicos, que estão sendo expostas neste momento de crise sanitária.

Pesquisadoras do campo do cuidado apontam para uma crise do cuidado na América Latina, considerado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), uma força de trabalho secundária e precarizada. Nesse sentido, torna-se ainda mais evidente a necessidade de considerar nos âmbitos públicos ou privados, as métricas de trabalho enfrentadas pelas mulheres e a política de presença enquanto forma de politizar o cuidado.

Por conseguinte, o que se propôs aqui foi uma breve problematização acerca da categoria de trabalho de cuidados, entrelaçando com o panorama atual da pandemia e os números que evidenciam essa maior invisibilidade este trabalho que é uma atividade essencial e que dá estrutura para suportar a crise que vivemos. Hoje, mais do que antes, as mulheres estão sustentando – e, conseqüentemente, adoecendo – um trabalho redobrado, em que não há uma delimitação entre trabalho e cuidado, entre trabalho e lar. Os trabalhos de cuidados são a base de sustentação da sociedade, sobretudo na pandemia.

REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Mulheres no centro da luta contra a crise covid-19*. 2020. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-covid19_LAC.pdf. Acesso em: 24 jul. 2020.

PÓS-PANDEMIA: O DESAFIO DA REINVENÇÃO

Fernanda Nascimento D'agostin

Renan Antônio Ceretta

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov18>

Desde o início da pandemia, houve divergências entre o Ministério da Saúde e os governos federal, estaduais e municipais a respeito das medidas adotadas para prevenção da propagação do vírus covid-19. O Sistema Único de Saúde (SUS) tem amparado o cidadão brasileiro e buscado aperfeiçoar as condutas do cuidado de seus usuários. Diante disso, como os profissionais da saúde poderão conduzir as práticas do cuidado pós-pandemia?

Infelizmente, a atual crise política e econômica e o fato de o Brasil estar com um grande número de casos da doença denotam a instabilidade sanitária e a falta de uma liderança no combate à doença. Contudo, as medidas adotadas para o controle da disseminação, como: uso do álcool gel 70%, de máscaras, distanciamento e isolamento social foram consideradas em outros países como medidas mais restritivas, porém negligenciadas por uma parcela da população brasileira. É evidente a falta de organização e referências sólidas para lidar com uma doença altamente contagiosa, que requer recursos e insumos, capacitação dos profissionais de saúde e ampla divulgação pelos meios de comunicação sobre a sua prevenção.

Os profissionais de saúde estão enfrentando sobrecarga de trabalho e, em breve, sofrerão com o árduo trabalho de “consertar” os danos causados pela pandemia. Foi necessária uma pandemia para se notar esses bravos “anjos da vida”, trabalhando na linha de frente, oferecendo o seu melhor e sucumbindo, juntamente com a desvalorização da saúde pública. Caberá ao SUS buscar por meio dos serviços promovidos na Atenção Primária à Saúde (APS) planejar os próximos passos bem como grupos de saúde, ações e campanhas que possibilitem educar e modificar essa atual perspectiva futuramente.

No entanto, sabe-se que o SUS ainda não apresenta primazia com as questões de gerência e de recursos equânimes, tal como sobre a alta demanda

nas Unidades Básicas de Saúde. O acréscimo da pandemia será mais um desafio a ser superado. Recursos limitados para as pesquisas financiadas pelo MS e ao SUS são exemplos da atuação improvidente na saúde dos últimos anos. A alteração do financiamento da APS pela Portaria n. 2.979, de 12 de novembro de 2019, Previne Brasil, bem como o congelamento dos gastos com a saúde pública pela Emenda Constitucional 95, de 15 de dezembro de 2016, atingem o cúmulo do desmonte e o retrocesso das conquistas árduas da Conferência de Saúde de 1986, oriundos do neoliberalismo que impera atualmente.

O apoio e a união do governo fortalecerão a superação desse cenário, porém a expectativa é obscura, no que diz respeito aos novos ares da cumplicidade entre os atores envolvidos. É primordial o compromisso com a produção do cuidado e a gestão dos próximos passos, a fim de amenizar as consequências geradas pós-pandemia. O modo de fazer saúde está em constante evolução e conduzir as práticas do cuidado caberá aos profissionais de saúde, que atualmente não suportam as demandas, pela inexperiência e sobrecarga frente a esse tipo de vírus. O abalo da pandemia propõe um convite a renovação das práticas de cuidado, também, um ponto de gatilho para o cidadão reconhecer o SUS como uma política pública essencial e patrimônio brasileiro, colaborando com sua consolidação pelos anos. A APS apresenta-se como a principal potência do sistema de saúde devido ao seu protagonismo no atual momento que é, impreterivelmente, essencial à redução das iniquidades em saúde e à valorização da vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). *Emenda Constitucional n. 95, de 15 de dezembro de 2016*. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm. Acesso em: 8 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Portaria n. 2.979, de 12 de novembro de 2019. Institui o Programa Previne Brasil, que estabelece novo modelo de financiamento de custeio da Atenção Primária à Saúde no âmbito do Sistema

Único de Saúde, por meio da alteração da Portaria de Consolidação nº 6/GM/MS, de 28 de setembro de 2017. *Diário Oficial da União*: seção: 1, Brasília, DF, edição 220, p. 97, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.979-de-12-de-novembro-de-2019-227652180>. Acesso em: 8 nov. 2020.

OBRAS CONSULTADAS

HARZHEIM, Erno *et al.* Ações federais para apoio e fortalecimento local no combate à covid-19: a Atenção Primária à Saúde (APS) no assento do condutor. *Ciê. & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2.493-2.497, jun. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702493&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jun. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; FREIRE, Neyson Pinheiro. Pandemia exacerbada desigualdades na Saúde. *Ciê. & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3.555-3.556, maio 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/csc/v25n9/1413-8123-csc-25-09-3555.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020

CORONAVÍRUS E ODONTOLOGIA

Bruna Menegon Fabris

Letícia Boesing Kulkamp

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov19>

A pandemia atual, causada pelo coronavírus (covid-19) gera preocupações no mundo, as quais advêm do alto nível de contágio, mesmo possuindo um baixo índice de letalidade. Com isso, a quantidade de leitos torna-se insuficiente, sendo de maior eficácia o isolamento populacional, com o objetivo de reduzir a transmissão.

Esse afastamento é benéfico em relação à pandemia, porém pode acarretar em impactos econômicos, problemas na saúde individual, tanto físicos, como psicológicos. Estes ocorrem com o estresse e com o afastamento social, principalmente quando somado a doenças psicológicas já existentes. O isolamento pode ocasionar também o sedentarismo, a frequência da alimentação diária e com isso o aumento do consumo de sacarose e de carboidrato, resultando no acúmulo de resíduos na cavidade oral e, conseqüentemente, no aumento do índice de cáries.

Além da cárie, podem ocorrer problemáticas sem o auxílio no momento necessário. Em razão da prioridade de apenas casos de emergência ou de urgência nesse período, pode acarretar, posteriormente ao isolamento, na superlotação da agenda com os casos considerados adiáveis, porém por conta desse longo intervalo de tempo sem o atendimento instantâneo o caso pode agravar-se. A recuperação da estabilidade depois desse período será trabalhosa e demorada, precisando de tempo e organização para que a normalização seja possível.

Os dentistas foram considerados os profissionais com maior risco de contágio, principalmente por conta do atendimento com grande proximidade do paciente, exposição à saliva, utilização instrumentos cortantes e dos aerossóis causados pela alta rotação, contendo fluidos como a saliva e o sangue. Por isso, antes da realização de atendimentos urgentes ou emergentes os profissio-

nal deve analisar a temperatura corporal do paciente e aplicar um questionário direcionado.

Os cuidados indicados são a utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), lavagem frequente das mãos, evitar aerossóis, usar peças rotatórias com sistema antirretorno, ter cuidado no manuseio de instrumentos perfurocortantes, realizar desinfecção de superfícies, proceder a esterilização dos equipamentos e dispositivos. Também é aconselhado o isolamento absoluto no paciente e bochechos antes do procedimento.

As orientações dos profissionais de saúde devem ser mais do que nunca seguidas com cautela, tanto as de prevenção ao coronavírus, como as recomendações gerais, como a escovação adequada, uma alimentação equilibrada, a prática de exercícios físicos, aproveitar esse tempo de retiro para o autocuidado e desfrutar de momentos em família.

OBRAS CONSULTADAS

TUÑAS, Inger. Doença pelo coronavírus 2019 (covid-19): uma abordagem preventiva para Odontologia. *Rev. bras. de Odont.*, Rio de Janeiro, v. 77, e1766, 2020. Disponível em: <http://revista.aborj.org.br/index.php/rbo/article/viewFile/1776/pdf>. Acesso em: 31 mar. 2020

PANDEMIA: SEUS DESAFIOS E ENSINAMENTOS

Júlia Steiner Pugem

Natália Duarte Machado Pinto

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov20>

Se as pessoas soubessem que em questão de poucos dias estariam isoladas, dentro de suas casas, sem poder sair para nada além de tarefas realmente necessárias, será que seriam diferentes antes desta pandemia iniciar? Será que pensariam e agiriam mais em relação a tudo que as rodeia? Será que dariam mais valor à vida e se importariam menos com coisas que não acrescentam em nada?

E se pudessem prever tudo isso? Para algumas pessoas a rotina mudou, e para a maioria delas foi uma mudança drástica. Esse turbilhão pegou de “surpresa” o mundo inteiro. Quem sabe, se conseguissem prever o que realmente estava por vir, teriam se esforçado para conhecer lugares diferentes que desejavam, dariam mais valor à própria liberdade, valorizariam as pessoas que convivem, os amigos, a família, os colegas de trabalho. Organizariam, talvez, as questões financeiras caso previssem que seria necessário, e o dia a dia poderia ser ainda melhor se ao invés de caírem na rotina fizessem algo por si e pelo outro, em forma de agradecimento.

Durante todo o caos, depois de ler, assistir e ouvir notícias ruins diariamente, sem poder mudar a realidade, as pessoas tentam constantemente se adaptar nesse novo ritmo, nessa nova forma de viver que foi imposta tão repentinamente. O sofrimento, a ansiedade, a angústia de não saber sobre o amanhã, torturam a mente da maior parte da população. Esse novo cenário exige olhar para o outro, mesmo sendo pela tela de um computador ou por uma ligação, com mais empatia. As pessoas precisam umas das outras. É necessário que todos estejam conectados para seguirem em frente. O universo inteiro está tentando compreender qual o seu papel na sociedade e se adaptar à nova realidade.

Diante de tudo isso, é preciso lembrar das lições boas que surgiram. Muitos estão aprendendo ou reaprendendo a conviver com as pessoas de sua casa e com a sua própria companhia. As pessoas começaram a observar o que antes passava despercebido na correria do dia a dia, como um simples canto de um pássaro, o céu azul e o pôr do sol, mesmo sabendo que isso sempre esteve ali. A vida se reinventou. Amigos e familiares se conectam para amenizar um pouco da saudade que sentem, o abraço é falado diariamente como algo que todos esperam poder dar mais valor e entregá-lo a quem amam o mais rápido que puder.

E qual será a real lição que essa pandemia deixará? Será que as pessoas estão mesmo preparadas para realizar todas as maravilhas que desejam e falam? Será que todas estão dispostos a deixar tudo de ruim e que não faz bem para si e para o próximo para trás e serem diferentes? E se tudo voltar ao “normal” amanhã? Estarão determinadas a fazer um mundo novo?

Que a partir dessa leitura, todos aprendam que a pandemia quer ensinar muito, em especial o que diz nesta canção: “devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer, devia ter arriscado mais, e até errado mais, ter feito o que eu queria fazer. Queria ter aceitado, as pessoas como elas são. Devia ter complicado menos, trabalhado menos, ter visto o sol se pôr. Devia ter me importado menos, com problemas pequenos, ter morrido de amor. Queria ter aceitado a vida como ela é, a cada um cabe alegrias e a tristeza que vier...” e que jamais esqueçam da real importância que todos têm aqui, onde estão e quem realmente são.

FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: O CORPO PRESENTE-AUSENTE NO ENSINO REMOTO

Francine Nazário-Silva

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov21>

Pensar o corpo presente-ausente, em tempos de distanciamento social e, assim, considerar as aulas de maneira virtual, oportuniza questionar sobre: quais as relações desse corpo na formação inicial docente durante o ensino remoto? Com um corpo pensante, movente, presente e até mesmo ausente, que escuta e dialoga com profissionais da área da educação, propiciados por um lugar/espço conhecido como universidade.

É um momento atípico na formação docente. Muitos e muitas estarão e almejam estar lá, na escola, mesmo em outro formato – como estamos presenciando neste momento pandêmico. “É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE, 1996, p. 25). O ano é 2020, alguns em seu último ano de formação para entrar em uma sala de aula ou no *classroom* (espaço virtual de aprendizagem adotado durante a pandemia em muitas escolas da educação básica no Brasil), pois muitos e muitas estão e já estavam – mesmo antes da covid-19 – se preparando para serem professores e professoras em atuação.

O ano ainda é 2020, e o assunto é o corpo no movimento da formação acadêmica. Um corpo que estava em um ritmo acelerado, desenfreado, sem tempo; aquele que habita lugares físicos e agora ocupa espaços virtuais. “Lugares fixos, conhecidos ou confortáveis, são trocados por não lugares, lugares de passagem, lugares virtuais, lugares que nos impõem outros tipos de troca.” (CANTON, 2009, p. 58).

Para qual lugar/espço está caminhando a formação inicial docente? É um percurso com novas experiências para a educação, possibilidades ao ensino e inovadoras alternativas de aprendizagem. O que apresenta chances

outras de perceber as relações com os corpos, eles que ocupam de alguma forma os lugares/espacos, pois estão presentes mesmo com a ausência da sua materialização de estar, mas que não deixa de ser. É um corpo desacomodado, por estar incomodado.

Não cabe aqui, falar de um corpo inerte, o distanciamento social não permite a inércia. Mas pensar como o corpo presente-ausente se apresenta de maneira síncrona e assíncrona como protagonista da sua formação docente. É o momento que a autonomia, e a necessidade dela, é exposta. Afinal, como se dá o processo formativo desse corpo presente-ausente nas aulas mediadas por tecnologia? Quais são as suas dificuldades? Como ele se comunica?

As possíveis reflexões sobre a aparente substituição desse corpo por meio da escrita que expressa para além dele. Como estão ocorrendo essas aprendizagens entre a escrita (materialização) e o corpo (desmaterialização)? Os corpos não mais moventes e atuantes no lugar/espaco da universidade, mas que continuam fazendo parte da formação profissional e humana. O que leva a pensar e repensar sobre as limitações da representação única do conhecimento; razão pela qual, o corpo vem sendo esquecido na escola, acreditando que o corpo e a mente são soltos/separados/dois.

O ano é 2020, parecia supérfluo, mas é sentido na pele a relevância do corpo, a necessidade da autonomia e a importância do protagonismo no ensino para o processo da aprendizagem nos diversos lugares/espacos.

REFERÊNCIAS

CANTON, Katia. *Espaco e lugar*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

O LUGAR DA ARTE EM TEMPOS DA COVID-19

*Viviane Maria Candiotto
Gladir da Silva Cabral*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov22>

A covid-19 é uma doença causada por um novo coronavírus que varia de quadros assintomáticos a quadros respiratórios de infecção grave com alta taxa de óbitos. Em pouco tempo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou esse cenário como de emergência de saúde pública internacional. Passados seis meses do surgimento da doença, já há alguns entendimentos sobre a velocidade do contágio de pessoa para pessoa e da necessidade de medidas de isolamento social.

Vive-se hoje uma realidade em que famílias passaram a se comunicar basicamente por meio de recursos tecnológicos e mídias sociais, com distanciamento, isso somado à higienização das mãos, uso de máscaras e restrições de eventos de grande porte, viagens e muitas contradições sobre a nova doença. Nesse contexto, é pertinente refletir sobre a arte como uma manifestação humana que nos acompanha e nos possibilita conhecer a vida. Assim, é importante pontuar como a arte pode ser utilizada para lidar com a crise humanitária, levando significado e resiliência para a vida das pessoas.

O caráter terapêutico da arte tem sido reconhecido e estudado amplamente ao longo da história, como aponta Alice Casanova dos Reis (2014) em seu artigo “A arte como dispositiva à recriação de si: uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico”. Sua pesquisa traz como referência autores da psicologia histórico-cultural, como Vigotski e Bakhtin. Segundo a autora, a arte pode ser uma grande aliada no cuidado da saúde psicológica e física do ser humano, afetando diretamente a qualidade de vida das pessoas. A arte estimula a criatividade, facilita a comunicação, a compreensão e significação da realidade bem como torna-se recurso vital para a construção de si.

É pela arte que a humanidade expressa suas carências, ideias, convicções, e nessa história coletiva do caos instalado por pandemias, é im-

prescindível sensibilizar a humanidade para a solidariedade, a resiliência, a criatividade e a importância de uma mobilização mundial para combater a doença e preservar a saúde dos seres humanos. No artigo intitulado “Em ano de peste”, Mike Davis (2020) lista várias obras de arte que anteciparam a chegada de um vírus mortal, como o livro *The Hot Zone*, de Richard Preston de 1994, o filme *Contágio*, de Steven Soderberg, lançado em 2011, além de filmes e romances lúgubres. Tais criações estéticas ajudam a construir um significado para a experiência pandêmica.

Nesses tempos em que a pandemia da covid-19 avança, que traz consigo a perda de milhares de pessoas, a arte se confirma como um recurso de enfrentamento, acolhida, solidariedade e sensibilidade, seja nos compartilhamentos diversos de canções, poemas, peças musicais, danças, quadros, artes digitais etc. A arte ajuda a ordenar o caos e a significar o mundo.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Mike. Em ano de peste. *Rev. Movimento: Crítica, Teoria e Ação*. Movimento Esquerda Socialista, Porto Alegre, v. 1, n. 16, ano 5, p. 131-139, jan./mar. 2020.

REIS, Alice Casanova. A arte como dispositivo à recriação de si: uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 40, p. 246-63, 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/3386/3550>. Acesso em: 21 jul. 2020.

IDOSOS EM TEMPOS DA COVID

*Neiva Junkes Hoepers
Susana Raquel Perico Pavei*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov23>

A pandemia causada pela covid-19 ainda está em construção quanto aos seus padrões de tratamento. Mas sabe-se que sua infectividade e letalidade são muito significativas e com uma expressiva taxa de mortalidade.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2020) divulga dados da covid-19 que apontam maior taxa de mortalidade entre as pessoas com 80 anos ou mais, dessa forma, reforçando as preocupações com a população idosa. Como também, coloca que o risco de morrer por causa da covid-19 aumenta com a idade, já que a maioria das mortes ocorrem em idosos, especialmente aqueles com comorbidades. Assim sendo, além das questões fisiopatológicas e epidemiológicas, deve ser discutido o impacto da pandemia covid-19 na saúde do idoso, família, profissionais de saúde e sociedade, principalmente no que se refere a saúde mental implicada pelo medo, ansiedade e pânico.

Atitudes e ações tomadas por todas as pessoas é a melhor prevenção para evitar que esse público adoça gravemente, com risco de morte, mesmo que seu estado de saúde geral seja bom. Os cuidados devem ser redobrados, advertindo que nos momentos de ansiedade, medo e pânico, medidas básicas, práticas e seguras podem ajudar muito, como: lavar frequentemente as mãos com água e sabão ou utilizar álcool gel 70% sempre que tocar em objetos ou em superfícies; não coçar, tocar ou esfregar as mão sujas nos olhos ou nariz; usar máscaras sempre que for sair ou conversar com alguém principalmente idosos em Instituições de Longas Permanência para Idosos; seguir o isolamento/distanciamento social em todos os espaços; ao tossir ou expirar, cobrir a boca com lenço umedecido ou o faça no braço sobre a roupa; evitar contato com outras pessoas, se apresentar sintomas, como: tosse, febre, dispneia e cansaço, ou ainda, sonolência excessiva.

A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) aborda a importância de cuidados redobrados com a saúde dos idosos em relação à covid-19 e diz que essa doença pode se manifestar de forma grave ou até fatal nessa faixa etária da população. A promoção e prevenção de doenças contribuem para maior segurança a essas pessoas com idade de 60 anos ou mais, como: cuidar bem da saúde, estar sempre bem hidratados, fazer a higienização das mãos com frequência, evitar contato com as pessoas que vêm de regiões com casos confirmados da doença e manter o calendário de vacinação em dia, dessa forma, proteger-se de outras infecções (SBGG, 2020).

A vivência da pandemia covid-19 ressignificou condutas, conhecimentos e aproximou a comunidade do meio científico, pois, para o controle, são necessárias mudanças comportamentais individuais e coletivas, porém, não unicamente durante o período de pandemia (HAMMERSCHMIDT; SANATANA, 2020).

A pandemia é um período árduo e com uma imensidão de informações e instrumentos variados de acesso, alguns sem confiabilidade. Essa discrepância de informações torna-se, por vezes, estressante, podendo causar doenças. A OMS preconiza o cuidado com a covid-19, mas também com o exagero de informações, muitas vezes, falsas.

Os aprendizados e os momentos de distanciamento social são medidas de precaução à saúde, com intenção de preservação e proteção; porém a autonomia e a independência do idoso são os pilares para um envelhecimento saudável. É essencial que as experiências propiciadas por esse turbulento momento de crise fortaleçam e preparem a sociedade para outras situações de tensão.

REFERÊNCIAS

HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida; SANTANA, Rosimere Ferreira. *Saúde do idoso em tempos de pandemia covid-19*. 2020. Disponível em <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/04/1095404/72849-288133-1-pb.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (SBGG). *Portal virtual*. 2020. Disponível em: <https://sbgg.org.br/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Novel Coronavirus (2019-nCoV) technical guidance, 2020*. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 4 abr. 2020.

SAÚDE E OPERAÇÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM TEMPOS DA COVID-19

Weslei Leandro da Silva

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov24>

Em virtude do cenário atual, é correto afirmar que a pandemia trouxe severos impactos na economia mundial. Entre as áreas afetadas no Brasil e no mundo está a construção civil, que em 2019 representava 6,7 milhões de empregos, equivalente a 7,3% de todos os empregos no País, segundo O Estadão (2019). Diante a esse cenário, houve uma desaceleração de todo o conjunto imobiliário, ocasionando perdas na produção, afetando empregos e diminuindo a renda de milhares de famílias brasileiras.

Levando em consideração o grave problema de saúde pública mundial, pode-se afirmar que, pouco se aborda sobre a saúde dos trabalhadores e operários nos canteiros de obras. Essa falta de atenção no ramo da construção pode aumentar as chances de tornar os canteiros de obra um epicentro de contágio, pois uma obra abrange diversos trabalhadores que às vezes transladam de diferentes regiões, podendo estes virem de regiões de alta densidades demográficas. Isso facilita ainda mais a disseminação do vírus, afetando outros setores da economia e em paralelo, coloca em risco a saúde e a fonte de renda familiar.

Comenta-se com frequência a paralisação devido ao grande número de contágio no estado de Santa Catarina, como ocorrido em meados de março a abril, porém é de grande importância que o setor continue operando normalmente, no entanto, é preciso de adaptação ao momento vivido. Um exemplo de adequação é o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a aplicação de treinamentos sobre a prevenção à covid-19, para que seja possível manter a produção e preservar a integridade dos trabalhadores.

Assim como na maior parte do País, no Extremo Sul do estado de Santa Catarina, durante a atual pandemia, além dos atrasos gerados nos cro-

nogramas devido à paralisação, foi também afetado o preço dos insumos e matérias-primas utilizados em obras de pequeno e médio porte.

Ao analisar o cenário das obras regionais, é possível observar que não estão sendo adotadas medidas de proteção contra o vírus no canteiro de pequenas e médias obras e nem seguindo as orientações da SEI n. 1.247/2020/ME (BRASIL, 2020).

Nos dias de hoje, são essenciais o uso de EPIs e equipamentos coletivos, seguido de acompanhamento médico, ambos sendo fornecidos pelas empresas contratantes, para que o trabalhador possa obter um melhor desempenho, e gerar uma maior produção para a empresa. Mesmo assim, muitas empresas estão deixando os trabalhadores expostos ao vírus, sem nenhum tipo de proteção, seja ao vírus ou contra acidentes.

Diante disso, é necessário que haja uma fiscalização mais eficiente dos órgãos responsáveis, para que seja exigido o uso de equipamentos de proteção, e caso necessário, também, a oferta, por parte das empresas, de profissionais que garantam a saúde psicológica dos colaboradores.

Conforme mencionado, a construção civil exerce um papel muito importante no Brasil, e para que isso se mantenha, o setor precisa estar funcionando ao seu máximo, então é de extrema importância que todos trabalhadores estejam bem com sua saúde.

Muito se almeja o fim da pandemia para a volta de todas as funções do mercado de trabalho, visando à geração de renda à população e ao aquecimento econômico a partir do setor da construção civil. Deve-se ressaltar, contudo, que a saúde dos trabalhadores deve seguir sendo prioridade das empresas, e que os colaboradores possam ser acompanhados e monitorados mesmo com o fim da pandemia.

OBRAS CONSULTADAS

O ESTADO DE S. PAULO. Em quatro anos, emprego cai 34% na construção. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 fev. 2019. Editorial econômico. Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/editorial-economico,em-quatro-anos-emprego-cai-34-na-construcao,70002735805>. Acesso em: 14 jul. 2020.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. Secretaria de Trabalho/Subsecretaria de Inspeção do Trabalho. *Ofício Circular SEI n. 1247/2020/ME*: Orientações gerais aos trabalhadores e empregadores do setor de construção civil em razão da pandemia da covid-19. Brasília, DF: Ministério do Trabalho, 2020. Disponível em: https://enit.trabalho.gov.br/portal/images/PDF/Orinetacoes_SIT_Construcao_civil.pdf. Acesso em: 8 dez. 2020.

O IMPACTO DA COVID-19 SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS CIRURGIÕES-DENTISTAS

*Letícia Ferrarini Ferrarezi
Renan Antonio Ceretta*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov25>

A saúde mental constitui parte indissociável da saúde geral e é um importante aspecto a ser considerado no cotidiano de trabalho dos profissionais de saúde que estão na linha de frente do combate à covid-19. O contato direto desses profissionais com pacientes infectados pelo coronavírus configura um alto risco de contaminação devido à exposição constante ao agente infeccioso, em particular, os cirurgiões-dentistas cujo trabalho inclui a exposição a aerossóis e gotículas da cavidade oral dos pacientes. Tendo em vista que eles representam uma categoria profissional mais vulnerável, em termos de contágio da doença, espera-se que os dentistas desenvolvam uma ansiedade severa frente a atual situação de pandemia.

Com o surto da covid-19, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomendou que os países adotassem medidas abrangentes de saúde pública e de isolamento social, com vistas à manutenção de um estado sustentável de baixo nível de transmissão. Uma quarentena de proporção global foi instaurada na tentativa de controlar a propagação da infecção; no entanto, os serviços de saúde são indispensáveis e essenciais para qualquer sociedade e raramente são fechados sob tais condições de pandemia.

Na prática odontológica, as possíveis rotas de transmissão para covid-19 incluem exposição direta a secreções respiratórias contendo gotículas, sangue ou saliva do paciente; contato indireto com superfícies contaminadas; inalação do vírus suspenso no ar; e mucosa (nasal, oral e conjuntival) em contato com gotículas e aerossóis contendo infecção. Com o período prolongado de incubação do coronavírus (até 14 dias), é praticamente impossível identificar a exposição de um indivíduo ao vírus. Além disso, ainda não há vacina ou tratamento aprovado, o que aumenta a ansiedade e o medo de ser infectado.

Sob essas circunstâncias, é natural que os cirurgiões-dentistas desenvolvam medo de serem infectados por seus pacientes.

Estudos recentes têm demonstrado que níveis de medo, ansiedade e depressão têm aumentado constantemente entre os dentistas. A tensão resultante da mudança repentina de protocolos e da cobrança exacerbada geram altos níveis de estresse psicológico. Nesse momento, a situação de crise se soma à sobrecarga de trabalho, à falta de recursos e às equipes reduzidas em um contexto que pode colocar em risco a saúde mental desses profissionais. Ademais, o crescente número de casos confirmados e suspeitos, o esgotamento de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), a ampla cobertura da mídia e a falta de medicamentos específicos também podem contribuir para o sofrimento psíquico dos cirurgiões-dentistas.

Portanto, é crucial que diante do medo e da ansiedade demonstrados pela comunidade odontológica em relação à covid-19, mecanismos e estratégias psicológicas de enfrentamento possam ser adotados para manter a calma e a função eficientemente. O apoio à saúde mental desses trabalhadores pode-se dar por meio da organização de períodos de trabalho, momentos regulares de descanso e turnos rotativos para aqueles que trabalham em áreas de alto risco. As evidências também destacam outros cuidados de saúde mental oportunos que podem ser desenvolvidos nesse período, como: aconselhamento psicológico usando dispositivos eletrônicos; fornecimento de respostas emocionais e comportamentais ao estresse; técnicas de psicoterapia e até mesmo a prescrição de drogas psicotrópicas por psiquiatras em casos mais graves.

OBRAS CONSULTADAS

AHMED, Muhammad Adeel *et al.* Fear and practice modifications among dentists to combat novel coronavirus disease (covid-19) outbreak. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, [s.l.], v. 17, n. 8, p. 1-11, abr. 2020.

HACHAM, Maayan *et al.* Covid-19 factors and psychological factors associated with elevated psychological distress among dentists and dental hygienists in Israel. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, [s.l.], v. 17, n. 8, p. 1-7, abr. 2020.

OBESIDADE COMO FATOR DE RISCO NA PANDEMIA DA COVID-19

Hexael Demarch

Lisiane Tuon Generoso Bitencourt

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov26>

Sabe-se que atualmente 20% da população adulta brasileira estão acima do peso, hoje a obesidade é um problema de saúde pública. A obesidade está relacionada a uma condição de acúmulo excessivo de tecido adiposo, que é um conjunto de doenças associadas, que explica a Síndrome metabólica. Ao entendimento o tecido adiposo é um órgão altamente ativo, perigo quando o acúmulo ocorre na região intra-abdominal. Essas alterações levam à presença de inflamação crônica de baixo grau, agredindo de forma importante o organismo. Em final de 2019, o mundo foi surpreendido com alta transmissibilidade o Sars-CoV-2, que vem infectando mais de um milhão de pessoas pelo mundo. A contaminação com o vírus intensifica o quadro inflamatório em resposta à infecção.

A obesidade tem se mostrado um dos fatores de risco, mais grave para a covid-19, pois em indivíduos magros o tecido adiposo está ligado a homeostase metabólica, nos obesos a um recrutamento e ação de macrófagos do tipo M1 que secretam substâncias citocinas inflamatórias. As proliferações de citocinas inflamatórias (adipocitocinas) pelo tecido adiposo modificam diversos componentes, como atividade do sistema nervoso central, a área do hipotálamo que controla o apetite e saciedade, por meio da leptina. A modificação também de artérias e capilares, havendo o aumento da resistência vascular periférica e desajuste de monócitos e macrófagos do sistema imunológico, onde provêm as citocinas. Entrando no organismo humano o vírus Sars-CoV-2 se conecta às células para se multiplicar, tendo afinidade com a enzima Angiotensina II, caracterizada por ser uma enzima de membrana, multiplicada nos pulmões. Com o alojamento e afinidade do vírus, em reação de defesa, o corpo aumenta as citocinas. Um ambiente perfeito para proliferação inflamatória.

Em resposta à obesidade abdominal, a repercussão é o aumento de citocinas inflamatórias, como *Interleucina- 6 (IL-6)* e *TNF-a* (Fator de Necrose Tumoral *Alfa*) que inibem a lipase lipoproteica, enzima que é responsável por degradar os triglicerídeos, havendo o aumento dos ácidos graxos livres, levando o aumento de NF-KB (Factor Nuclear Kappa B) um complexo protéico que desempenha funções como factor de transcrição, levando também o aumento da enzima ciclooxigenase II, que promove maior produção de prostaglandinas (inflamação) e tromboxanos (agregação plaquetária) formação de trombos. No processo de defesa do organismo ao vírus covid-19 há aumento de citocinas, interleucina-2 e interleucina-6, principais citocinas relevantes no quadro inflamatório do paciente. É pertinente considerar equivalentes citocinas secretadas.

O bloqueio da lipogênese, como resultado ocorre o aumento dos ácidos graxos livres e a secreção exacerbada de citocinas inibe inúmeros receptores com funções importantes. Essas resistências sensoriais dos receptores levam a menor produção de macrófagos de leucócitos, com consequência decréscimo da função imunológica. Ocorre então o aumento de radicais livres, diminuição de antioxidantes, levando ao estresse oxidativo. Essa inflamação de baixo grau do obeso somando com o aumento exacerbado de citocinas potencializam a inflamação total do cometido. Explicando a causa da “Síndrome respiratória de falência dos múltiplos órgãos” ou “Tempestade imunológica da covid-19”.

OBRAS CONSULTADAS

OUSSAADA, Sabrina M. *et al.* The pathogenesis of obesity. *Metabolism Clinical and Experimental*, Amsterdam, v. 92, p. 26-36, mar. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.metabol.2018.12.012>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SARDAR, Sindhu *et al.* Increased adipose tissue expression of Interferon Regulatory Factor (IRF)-5 in obesity: Association with Metabolic Inflammation. *Cells*, [s.l.], v. 8, n. 11, p. 1-22, nov. 2019. Disponível em: Doi: 10.3390/cells8111418. Acesso em: 10 jul. 2020.



INTERFACES DA EXPERIÊNCIA

Escritos expositivos e vivenciais das múltiplas realidades
pandêmicas.

IMPACTOS DA AUTOMEDICAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19

*Jéssica Pacheco da Silva
Larissa de Oliveira de Batista*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov27>

O uso racional de medicamentos caracteriza-se no uso correto, dose adequada, tempo de uso para cada paciente, levando em consideração a patologia associada. Sem que haja prejuízo para o próprio paciente e para a população.

Nesse sentido, o uso de medicamentos para outras patologias com comprovação clínica, utilizados de forma inequívoca por pacientes que apresentam sintomas do Sars-CoV-2, poderá trazer altos riscos à saúde da população. Além de fazer com que os medicamentos possam faltar para os pacientes que utilizam para doença crônica, baseada em protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas. Esse fato demonstra que a indicação da terapia precisa do acompanhamento de profissional médico para diagnóstico de doença e do profissional farmacêutico para orientar sobre problemas relacionados ao medicamento.

As informações que o Ministério da Saúde propõe como medida de prevenção refere-se à medicina baseada em evidências. Porém, até o momento, não existe medicamento ou vacina que venha a erradicar o vírus. Atitudes rotineiras, como lavar as mãos, cuidar da higiene das embalagens, que até o momento passavam despercebidas, estão sendo uma das soluções mais eficazes para evitar o contágio do coronavírus. Esse simples ato torna-se essencial no enfrentamento contra o vírus, além, é claro, do isolamento social e do uso de máscaras.

A crise atual da pandemia causada pela covid-19, que o mundo vem enfrentando nos últimos meses, faz a população entrar em estado emocional grave. Diante do cenário que estamos presenciando, e as devidas providências necessárias, afastamo-nos totalmente do cotidiano vivenciado até então. Com

essa adaptação, frente à calamidade, os quadros de depressão e Síndrome do pânico estão surgindo cada vez mais, aumentando o uso de medicamentos.

Diante do exposto, o consumo demasiado com medicamentos utilizados de maneira errônea pela população aumentou exageradamente. Assim, o uso irracional de medicamentos tomou frente, por conta dos supostos tratamentos para a covid-19.

Até o momento não existem comprovações científicas sólida dos medicamentos que vêm sendo utilizados para o coronavírus. As medidas de prevenção continuam, e o isolamento, funciona como barreira no combate ao vírus.

OBRAS CONSULTADAS

BRASIL. Ministério da Saúde. *Uso racional de medicamentos*. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2K8rZy7>. Acesso em: 15 maio 2020.

AUTOCUIDADO APOIADO, PROTEÇÃO COLETIVA E INDIVIDUAL, EM ÉPOCA DE CRISE HUMANITÁRIA

Willians Cassiano Longen

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov28>

É no contexto de uma pandemia destas, que fica mais clara a noção de que somos mortais, dentro da nossa limitada condição existencial humana. De forma dolorosa, temos que aprender muita coisa em curto espaço de tempo, tentando, por exemplo, “não representarmos espécie de lenha altamente e potencialmente inflamável, em uma floresta que se encontra em chamas”. Áreas como a saúde e a segurança, nas diversas atividades humanas de vida e trabalho, passam a ser melhor enxergadas e a ser devidamente valorizadas de maneira inegociável. Afinal, passar por uma pandemia externaliza as tranças de aço que qualquer coração mais frio possa ter ao redor de si.

O caminho mais curto e tendencioso sempre tem sido de estarmos facilmente perdidos de nós mesmos e da noção de coletividade. O senso de proteção coletiva vem à tona com uma mão bastante pesada e cobrando uma percepção que, infelizmente, não está presente na maioria da nossa sociedade. Como já havia expressado Aristóteles “O sábio aspira não ao prazer mas à ausência de dor”.

Nesse contexto, se eu tenho dificuldades de autocuidado e de exercitar também autocuidado individual, como cuidarei do outro? Como os coletivos irão se comportar? A virtude olha com certo desprezo a agitação do povo que, no seu ímpeto autodestrutivo, filtra sua consciência e essência responsável, pautada por valores e crenças que vieram durante muitos anos sendo massageados por uma percepção ilusória de inviolabilidade.

Em paralelo, vem à tona como temos ignorado o custo ambiental das novas formas de relacionamentos socioeconômicos e ambientais globais. O aumento e a aceleração da destruição do meio ambiente natural no nosso

planeta parecem tão graves quanto os efeitos socioeconômicos, considerando que numa perspectiva sistêmica e global, fazem parte do contexto. Será que as escolhas que as práticas econômicas e de vida que temos eleito são em certa dimensão insustentáveis? Já destacava Capra (2002), na sua obra *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*, que a expansão desordenada de nosso planeta finito nos condiciona à catástrofe.

Todos nossos sentidos se aguçam e qualquer frase de música toma uma dimensão diferente e não há necessidade de estender a reflexão sobre os trechos das composições para que rapidamente suas conexões com a pandemia ganhem sentido... “é preciso saber viver”, “*mother, you and me*”, “*help*”, “devia ter amado mais” e tantas e tantas outras.

A prudência humana é chamada à tona e um senso coletivo maior, nesse momento, é exercitado, mesmo que forjado a ferro e fogo, mas que deve servir para que, logo ali em seguida, não voltemos a caminhar com percepções limitadas acerca do que realmente importa e que conta com incalculável valor.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.

OS DESAFIOS DAS CIDADES EM TEMPOS DE ESCASSEZ DE RECURSOS E PANDEMIA: UMA BREVE REFLEXÃO!

Nilzo Ivo Ladwig

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov29>

As urbes devem exercitar o conceito de direito à cidade que compreende o direito de dizer em que lugar queremos viver, o direito de mudar, reinventar e transformar o espaço de acordo com os nossos desejos construídos coletivamente. Portanto, teremos que trabalhar uma reforma urbana que tenha como princípios a produção de conhecimento, o exercício pleno da democracia, o posicionamento jurídico democrático, os processos de planejamento e gestão urbana sustentáveis, a implementação de políticas urbanas participativas e compartilhadas e, por último, o princípio de fomentar a descentralização do poder. Esse é o caminho para cidades mais humanas.

O poder público municipal deverá conduzir o planejamento urbano tentando conceber o espaço social como um campo privilegiado para as interações sociais. Apenas por meio dessas interações é que a cidade vai se tornar mais humana e menos hostil. As cidades precisam cuidar das pessoas e, nesse quesito, entra o conceito de urbanidade ligado à civilidade, ao coletivo, ao acordo comum de convivência, ao respeito ao espaço público, ao comportamento de cordialidade, tolerância e solidariedade, o respeito às leis que regem o espaço urbano e, talvez o mais importante, o sentimento de pertença, que leva ao interesse e à proteção da cidade.

As cidades precisam estabelecer metas coletivas para as quais a sociedade possa caminhar. O primeiro passo é fortalecer um processo político por meio do qual as metas serão determinadas e operacionalizadas. Isso depende, em grande parte do estabelecimento de um programa de desenvolvimento municipal. O poder público deve orientar as pessoas para o estabelecimento das metas de isolamento setorizados por unidade de bairro, fortalecendo o sentimento de pertença do lugar, exigido neste momento de pandemia.

As pessoas estão desorientadas, sem representação social, o que gera comportamentos desarticulados e agressivos, no contexto da situação que estamos enfrentando. Os prefeitos, vereadores e representantes comunitários devem tentar trabalhar de forma articulada e identificar as fragilidades do território municipal que merecem atenção. Inúmeras situações de vulnerabilidade social apareceram nesse período de pandemia, que anteriormente, “passavam despercebidas”. Parcerias devem ser fortalecidas em se tratando de estratégias de enfrentamento à covid-19.

Parcerias somente se concretizam se houver comprometimento político e hombridade nos compromissos assumidos diante da sociedade. As cidades pós-pandemia precisam se tornar autossuficientes, com menos deslocamento para chegar ao trabalho, às escolas, portanto novas formas de transporte devem ser fomentadas, dentre outras exigências. Como fazer? É recomendável que o poder público se aproxime das universidades, pois o ensino, a pesquisa e a extensão produzem conhecimentos e poderão contribuir no exercício do direito à cidade, diante das mudanças sociais e estruturais que estão ocorrendo e ocorrerão na sociedade.

CUIDADO PSICOLÓGICO ON-LINE OFERTADO NO CONTEXTO DE PANDEMIA PELO PROGRAMA ACOLHER DA UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

*Tamires Rosa Pacheco
Dipaula Minotto da Silva*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov30>

Em 22 de janeiro de 2020, foi ativado o Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública para o novo coronavírus (covid-19), pois uma pandemia estava ocorrendo e, no Brasil, já existiam casos suspeitos (BRASIL, 2020). Os impactos psicológicos e sociais nas emergências podem deteriorar a saúde mental e o bem-estar psicossocial da população afetada a longo prazo, ameaçando a paz, os Direitos Humanos e o desenvolvimento (INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE, 2007).

No dia 20 de março 2020, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou diretrizes para a atuação dos psicólogos diante da pandemia, orientando a categoria a seguir rigorosamente as recomendações e protocolos obrigatórios emanados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Foi indicada aos profissionais a realização de atendimentos via tecnologias de comunicação à distância (chamadas de vídeo, telefone, mensagens de texto).

O programa de atenção aos estudantes da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), o Programa Acolher, visa cuidar da saúde psicológica/emocional dos estudantes, buscando em suas ações a promoção e prevenção sofrimento mental, sendo um espaço de escuta, acolhida e cuidado com a vida. Tem o objetivo de auxiliar o acadêmico a refletir sobre seu percurso de vida, reconhecendo suas potencialidades, planejando seu futuro e desenvolvendo habilidades emocionais necessárias para lidar com as realidades pessoal, familiar e social. Realiza acolhimentos, escuta qualificada, psicoterapia breve individual, práticas integrativas e complementares em grupos, além de grupos terapêuticos, psicoterapêuticos e operativos.

Nesse novo cenário, o Programa Acolher manteve seus atendimentos seguindo as orientações do CFP e da OMS, sendo assim suas atividades foram reinventadas e adaptadas às necessidades do contexto, com atendimentos *on-line*. Os atendimentos estão sendo realizados por meio do aplicativo Google Meet, chamadas de vídeo pelo WhatsApp ou de forma escrita também via WhatsApp.

Os tipos mais comuns de queixas apresentadas pelos acadêmicos se referem a: medo de contaminação por covid-19, extensão da quarentena em decorrência de comportamentos inadequados de pessoas da comunidade; dificuldade em fazer a psicoterapia em casa pela falta de privacidade; medo de não conseguir concluir a graduação no período planejado; adiamento da festa de formatura; preocupação com as aulas práticas e os estágios obrigatórios; dificuldade de adaptação ao novo formato de aulas, mediadas por tecnologia; instabilidade financeira; mudanças bruscas na rotina; medo e fragilidades diante do desconhecido; isolamento; frustração e improdutividade. Alguns acadêmicos não aceitaram a psicoterapia *on-line* de início, mas depois procuraram o Programa aderindo à nova proposta de atendimento.

O apoio psicológico neste período foi e está sendo fundamental, pois além das questões que fizeram estudantes procurar ou ser encaminhados para o programa antes da pandemia, o novo cenário intensificou e gerou novos sofrimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiológico*: situação epidemiológica da febre amarela no monitoramento 2019/2020. vol. 2. Brasília, DF: Ministério da Saúde, jan. 2020. n. 1.

INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE. Comitê Permanente Interagências (IASC). *Diretrizes do IASC sobre saúde mental e apoio psicossocial em emergências humanitárias*. Tradução de Márcio Gagliato. Genebra: IASC, 2007.

FITOTERAPIA COMO TERAPIA PARA A COVID-19

Fernando Oriques Pereira

Jéssica Pacheco da Silva

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov31>

Fitoterapia significa etimologicamente “terapêutica com plantas” e se define como a ciência que estuda a utilização dos produtos de origem vegetal com finalidade terapêutica para se prevenir, atenuar ou curar um estado patológico, englobando plantas medicinais, extratos e medicamentos fitoterápicos (VANACLOCHA; FOLCARÁ, 2003).

A fitoterapia, inserida na Atenção Primária à Saúde, relaciona a riqueza cultural e social, trazendo o conhecimento empírico para a comunidade. Aquele que é passado de geração em geração, assegurando assim a troca do saber popular. O profissional de saúde devidamente capacitado pode atuar de forma multiprofissional e interdisciplinar possibilitando a participação da comunidade, permanecendo assim o diálogo entre a equipe de atuação e os usuários.

Estamos passando por um momento crítico no cenário sanitário mundial no combate ao coronavírus, e a fitoterapia além de prática milenar, engloba alternativas de tratamento para a população. Sabe-se que essa terapia com plantas medicinais utilizada por vezes erroneamente, é substituída por medicamentos.

Neste momento, em meio ao caos vivenciado, a população encontra no uso dos chás, um momento de acolhimento em meio a uma pandemia mundial. Como sabemos, o chá medicinal não reverte o ciclo do vírus no corpo, porém está associado com um momento de carinho e conforto para o usuário, aproximado de maneira afetiva pelo simples fato de mostrar interesse ao usuário.

Dessa forma, declarando a importância que o indivíduo representa, envolvendo a cultura milenar e o carinho trocado refletindo o acolhimento

para cada indivíduo. Muitas vezes, o simples fato de oferecer “chazinho” ao paciente, amigo ou familiar faz sentir-se curado em meio às fragilidades.

O profissional farmacêutico pode estabelecer a troca com o usuário quanto orientação sobre efeitos colaterais, contraindicação, toxicidade de plantas medicinais que apresentam evidências científicas. Evidenciamos a consolidação das políticas públicas em nosso país com a inclusão da fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS), o saber popular, a troca de saberes objetivando uma fitoterapia segura e racional e a importância dos profissionais de saúde e do usuário na construção e quanto aos aspectos gerais sobre os critérios éticos, legais e conceituais da fitoterapia bem como aos aspectos etnobotânicos e terapêuticos das plantas medicinais de interesse.

Concluimos com este estudo que existem várias informações nas mídias sociais que não são verídicas, como acontece nas *fake news*. Da mesma forma, nessa área de fitoterápicos, na mídia, circulam informações não comprovadas em relação aos chás. Não podemos generalizar e entender que tudo que é natural não é tóxico e não faz mal à saúde. Acrescentado a isso circulam propagandas e informativos voltados aos profissionais de saúde com indicações de plantas não validadas, colocando em risco a saúde do usuário e a credibilidade da fitoterapia. Considerando a situação que estamos vivenciando ao longo dos últimos meses, cabe ao profissional farmacêutico orientar e informar de forma segura, por meio de promoção da saúde, sobre essa prática milenar de suma importância.

REFERÊNCIAS

VANACLOCHA, Bernat; FOLCARA, Salvador Cañigueral (ed.). *Fitoterapia: vademécum de prescripción* (Phytotherapy: Prescription Formulary). 4th ed. Barcelona: Editorial Masson, 2003.

SALA EDI BALOD EM HOME OFFICE

Daniele Cristina Zacarão Pereira

Bruna Speck da Silva

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov32>

A Sala Edi Balod – Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais é um equipamento cultural localizado na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Vinculada aos cursos de Artes Visuais e Teatro da UNESC, a Sala Edi Balod configura-se como um laboratório que possibilita aos acadêmicos, experiências com criação, produção, expografia, curadoria e mediação cultural. Além das atividades ligadas às disciplinas, o espaço também mantém a prática de promover oficinas, palestras, ateliês temporários, sessões de cinema, grupo de estudos e atividades de intercâmbio com artistas e pesquisadores de outras regiões. Porém, como medida de prevenção à covid-19, todas as atividades planejadas para o ano de 2020 foram temporariamente suspensas, e ainda permanecem sem perspectiva de retorno.

O Projeto Sala Edi Balod em *Home Office* surge para dar continuidade ao trabalho e manter o contato com o seu público, a partir de uma programação proposta por professores e acadêmicos dos cursos de Arte Visuais e Teatro, adotando diferentes formatos via plataformas digitais, como:

Visita ao Ateliê: atividade que convida artistas a produzirem vídeos apresentando seu espaço de criação e processos artísticos durante o período de isolamento social. Até o momento sete artistas participaram dessa ação disponibilizada nas plataformas digitais Instagram e YouTube.

Curadoria Doméstica: uma exposição coletiva no espaço das redes sociais, ativada pelo uso da *hashtag* #curadoriadoméstica. A proposta contempla trabalhos produzidos a partir de situações, ações, proposições e/ou intervenções no espaço doméstico.

Sala de Cinema: um cineclube que foi adaptado para o formato *on-line*, e que cada participante assiste ao filme em sua casa e depois participa de um debate coletivo, via videoconferência.

Leitura Dramatizada: experiência realizada pelo curso de Teatro, por meio de videoconferência, na qual os acadêmicos apresentaram ao público a leitura dramática da peça *Nau dos Loucos*, de Luís Alberto de Abreu, dividida em duas sessões, no formato das antigas radionovelas. A gravação das duas apresentações está disponível no YouTube.

Lançamento de Catálogos: publicação de catálogos das atividades realizadas em 2016 e 2017, os dois primeiros anos de atuação da Sala Edi Balod. Os catálogos foram lançados via vídeo na programação dos 52 anos da UNESCO; atualmente, estão disponíveis em *e-book* para visualização e download no *site* da Sala Edi Balod.

Aulas Abertas: são aulas de disciplinas do curso de Artes Visuais abertas ao público, por meio de videoconferência, com a participação de artistas e/ou pesquisadores convidados.

No atual contexto, foi necessário criar novos formatos e especialidades para que os equipamentos culturais se mantivessem ativos e que suas práticas chegassem até o público, em casa. Uma programação para o formato virtual não significa apenas adaptar práticas do espaço físico, mas principalmente, criar conteúdo, apropriar-se desse novo espaço, considerando suas especificidades e potencialidades. Nesse sentido, as experiências realizadas pela Sala Edi Balod em *home office* podem ser compreendidas como um importante laboratório de gestão cultural, que nos ajuda a pensar a atuação dos espaços de cultura durante e pós-pandemia.

INTERAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE EM TEMPOS DA COVID-19

*Leila Laís Gonçalves
Elenice Padoin Juliani Engel*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov33>

A interdisciplinaridade, como prática pedagógica, visa promover a interação entre o aluno, o professor, os saberes e o cotidiano buscando superar a fragmentação do conhecimento, condição fundamental do ensino, da pesquisa e da extensão no mundo contemporâneo. Partindo do pressuposto que as formas de conhecer são dialógicas e se interpenetram, as práticas que agregam o conhecimento do senso comum e que se ampliam com o conhecimento científico permitem enriquecer as relações entre os envolvidos e tendem a uma dimensão maior na construção de sentido e significado no processo de ensino e aprendizagem (GIBBONS *et al.*, 1997). Entende-se que nesse processo a interação entre os agentes no ecossistema educacional é ponto-chave na dinâmica interdisciplinar.

Os cursos Educação a Distância (EAD) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) desenvolvem uma atividade fundamental no percurso formativo e um dos diferenciais da metodologia EAD, denominada Dinâmica Interdisciplinar Presencial (DIP). A DIP visa à aplicação dos conhecimentos desenvolvidos em cada disciplina do nível e sua articulação com práticas sociais e do mundo do trabalho, buscando resolver situações complexas e exercitar a interação entre os acadêmicos, professores e comunidade.

Em tempos de excepcionalidade, como o da pandemia da covid-19, que tem exigido o isolamento social com mudanças significativas nos comportamentos das pessoas, espaços físicos e práticas para a garantia da biossegurança, faz-se necessário repensar a interação nas intervenções pedagógicas interdisciplinares. Nesse sentido, os professores dos cursos EAD da UNESC da área de ciências sociais aplicadas (CSA) foram desafiados a reestruturar a atividade da DIP.

A reconfiguração da DIP foi realizada a partir de uma construção coletiva dos professores do nível de formação resultando na proposição de uma dinâmica interdisciplinar *on-line* com o tema: soluções colaborativas em tempos da covid-19: um olhar socioeconômico. As principais transformações envolveram mudança de *locus* (do presencial para o *on-line*), de temporalidade (de um dia para o período de um mês), no processo de execução, uso de tecnologia de comunicação e informação e a participação do curso de Ciência da Computação. A dinâmica foi planejada em cinco etapas: 1) comunicação aos acadêmicos com a provocação do tema; 2) proposição de soluções pelos acadêmicos; 3) seleção de propostas com maior impacto; 4) implementação, impulsionamento e monitoramento das soluções; 5) avaliação, socialização e entrega dos resultados.

Os acadêmicos dos cursos da CSA-EAD propuseram campanhas do tipo vaquinha para arrecadar fundos buscando solucionar um problema socioeconômico de uma instituição local relacionado à pandemia covid-19. Os acadêmicos de Ciência da Computação ficaram responsáveis pela implementação, monitoramento e análise das campanhas. A dinâmica interdisciplinar *on-line* envolveu cinco disciplinas, seis professores, 84 acadêmicos, cinco instituições sem fins lucrativos, e a implementação de cinco campanhas. As interações ocorreram por meio de *web* conferência via Google Meet, uso de plataforma *on-line* de *crowdfunding* para a arrecadação, redes sociais para impulsionamento das campanhas e ferramentas de *social listening* para monitoramento e análise das campanhas.

Os desafios impostos pela pandemia covid-19 são diversos, porém conta-se com inúmeras possibilidades de superação. As transformações nas formas de interação, mediadas pelas tecnologias, possibilita reconfigurações necessárias para a continuidade das intervenções pedagógicas, em especial as apoiadas na interdisciplinaridade e na extensão.

REFERÊNCIAS

GIBBONS, Michael *et al.* *La nueva producción del conocimiento: la dinámica de la ciencia y la investigación en las sociedades contemporáneas.* Barcelona: Pomares-Corredor, 1997.

INCERTEZAS SOBRE O FUTURO: A SOMA DOS SOFRIMENTOS CRÔNICOS COM A COVID-19 NO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Fernanda Vicenzi Pavan

Janaína Tápparo Braier

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov34>

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é uma unidade especializada em saúde mental, que tem por objetivo acolher, tratar e reinserir usuários com transtornos mentais graves e persistentes na sociedade. A palavra “persistente” remete a algo “crônico” e, sob a ótica biomédica, Canesqui (2015) entende como o tempo de duração de um estado de saúde comprometido que, geralmente se estende por toda a vida.

Conrad (1990) aponta como peculiaridades dos adoecimentos crônicos os que ameaçam a vida, os que impõem a aprendizagem e a convivência com eles, os estigmatizantes, os geradores de incerteza e os que causam sofrimento. Os adoecimentos crônicos, nesse momento, acentuados pela pandemia de covid-19, geram ainda mais dúvidas em relação ao que está por vir, colocando em xeque as rotinas já instituídas, revirando o cotidiano de cabeça para baixo.

Em meio à rotina instituída pelo CAPS, a pandemia do novo coronavírus não convida, mas impõe a criar novas maneiras de fazer, de ser e viver. Os grupos terapêuticos, conhecidos e legitimados cientificamente como uma estratégia efetiva para cuidar de usuários com transtornos mentais, deve ser cancelado para o bem coletivo. A tão sonhada reinserção social deve dar espaço, nesse momento, ao distanciamento social.

Talvez, nunca se percebeu a importância das tecnologias de comunicação na saúde como no momento atual. Graças à internet, ao computador, à telefonia fixa e móvel, ao aplicativo WhatsApp, o CAPS de Timbó conseguiu, em certa medida, continuar cuidando de seus usuários.

Foram realizadas ligações para aqueles usuários que mais necessitavam de acompanhamento e supervisão; criado grupo de WhatsApp em substituição aos grupos terapêuticos presenciais para que os usuários pudessem contar com o apoio profissional; disponibilizado telefone e WhatsApp; consultas psicológicas *on-line*, conforme autorização do próprio Conselho Federal de Psicologia; *live* sobre o trabalho do CAPS no cuidado da saúde mental; criação de vídeos com dicas de exercícios físicos e organização da casa, além de consultas médicas e outras intervenções presenciais quando imprescindíveis, sempre respeitando as recomendações de higiene e cuidados recomendados pelo Ministério da Saúde.

Não menos importante nesse contexto de incertezas e exigência de adaptação, estão os profissionais do CAPS que buscam aliar tecnologia, criatividade e comprometimento, para assegurar a continuidade da qualidade na oferta de trabalho.

Os desafios que já fazem parte no cotidiano da saúde mental, agora aguçados, impulsionam a criação de estratégias, muitas vezes adaptadas às necessidades de cada paciente, na tentativa de amenizar o impacto desse momento histórico, na vida de sujeitos que por seus diagnósticos e histórias de vida, já vivenciam tanto sofrimento, abandono e exclusão.

Pode-se dizer que, mesmo diante da situação pandêmica, conseguiu-se manter a vinculação com os usuários, demonstrar cuidado e afeto, ratificar que podem contar com o apoio dos profissionais para se adaptarem a um novo modo de viver e ser na sociedade, fortalecendo também a capacidade para lidar com as adversidades, estimulando a autonomia, reconhecendo-os como protagonistas de suas histórias.

REFERÊNCIAS

CONRAD, Peter. Qualitative research on chronic illness: a commentary on method and conceptual development. *Soc. Sci. Med.*, [s.l.], v. 30, n. 11, p. 1.257-1.263, 1990.

CANESQUI, Ana Maria. *Adoecimentos e sofrimentos de longa duração*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

GRUPO TERAPÊUTICO AD [ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS] NO CAPS DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Jacqueline Formigari

Carla Maysa Wenderlich Wessling

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov35>

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é um local de referência para pessoas com transtornos mentais, neuroses graves e persistentes, psicoses, dependência química e demais casos que necessitam de atendimentos e cuidados intensivos, tornando-se fundamental para o processo de reforma psiquiátrica que substitui as internações em hospitais psiquiátricos.

Uma das práticas que o CAPS oferece são os tratamentos terapêuticos por meio de atividades individuais ou em grupos, tendo como objetivo aproximar os usuários, familiares e comunidade a reintegração ao convívio social. Para que isso possa garantir uma atenção integral aos usuários de álcool e outras drogas, os serviços de saúde devem estar articulados de forma funcional e complementar com os diversos dispositivos da rede.

É realizado com cada indivíduo seu Projeto Terapêutico Singular (PTS), um plano de tratamento elaborado pela equipe de saúde, especialmente para cada paciente, em conjunto com o interessado. Nesse projeto encontram-se as atividades (oficinas, atendimentos) das quais o paciente participará.

Para Campos e Gama (2008), PTS é um dispositivo que tem como objetivo traçar uma estratégia de intervenção para o usuário, levando-se em conta os recursos da equipe, do território, da família e do próprio sujeito.

As perdas causam sofrimento, sendo este um período de desafios, adversidades, dificuldades e que para serem enfrentadas, podem gerar sofrimento mental. São inúmeros os tipos de perda comuns em nossa vida, porém cada um reage de maneira diferente, depende de sua estrutura emocional e

vivências. O período de pandemia traz uma perda considerável no tratamento, pois não há o contato físico, o “carinho” do toque.

Diante desse momento de pandemia referente à covid-19, infelizmente não podemos realizar grupo terapêutico Álcool e outras Drogas (AD) presencial no CAPS, devido às restrições relativas à aglomeração. Em substituição a esse grupo, foi utilizada, como estratégia, transmissão de vídeo pelo grupo de WhatsApp criado previamente.

As vídeo chamadas em grupo eram realizadas em dias e horários pré-definidos, porém não houve adesão devido a alguns aspectos levantados pelos pacientes, como: 1) dificuldades com as tecnologias empregadas para realização das chamadas remotas; 2) a falta dos recursos básicos necessários para participação nas atividades (celular, computador); 3) prejuízo na privacidade devido ao compartilhamento de espaço reduzido com familiares, e, por vezes, a falta de conhecimento destes sobre a real condição de uso de substâncias psicoativas por parte do paciente; 4) resistência à participação em grupo em modalidade não presencial.

Portanto, está sendo utilizado o recurso de aplicativo de comunicação (WhatsApp) apenas para mensagens de texto e/ou áudio. Assim, os participantes podem interagir no momento em que tiverem disponibilidade e/ou interesse, podendo o grupo de WhatsApp ser utilizado como recurso para acompanhar o cotidiano dos usuários e ajudá-los em suas necessidades.

Evidencia-se dessa forma a relevância das ferramentas tecnológicas para complemento do cuidado e suporte fornecido aos pacientes, fato constatado por meio de relatos dos participantes. Além de, no momento, ser um recurso substitutivo aos encontros presenciais, legitimando-se como ferramenta para uso complementar mesmo depois da pandemia.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Rosana Onocko; GAMA, Carlos. Saúde mental na atenção básica. In: CAMPOS, Gaston Wagner de Souza; GUERRERO, André Vinícios Pires (org.). *Manual de práticas em atenção básica: saúde ampliada e compartilhada*. São Paulo: Hucitec, 2008.

OBRAS CONSULTADAS

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). *Saúde mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

USO DA TECNOLOGIA NO COMBATE À COVID-19

Marceli Velho Nazário

Fernanda Guglielmi Faustini Sônego

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov36>

A pandemia do novo coronavírus se configura como uma emergência sanitária de consequências inestimáveis à vida humana, e traz repercussões sociais, econômicas, políticas e culturais sem precedentes na história. A covid-19 tem representado um desafio global aos sistemas de saúde, com o aumento do número de óbitos e de pacientes críticos com necessidade de suporte respiratório. Existe a necessidade de diagnosticar e monitorar pacientes infectados, mas concomitantemente, o envio de pessoas com sintomas aos centros de triagem ou aos hospitais referenciados sobrecarrega o sistema de saúde e coloca em risco indivíduos não infectados.

A telessaúde é considerada um recurso fundamental, dada a sua capacidade de reduzir a circulação de indivíduos em estabelecimentos de saúde, diminuir o risco de contaminação de pessoas e a propagação da doença e alcançar lugares de difícil acesso. Dessa forma, a tecnologia pode ser usada como uma ferramenta para melhorar a resposta do sistema de saúde à crise em curso, proporcionando soluções inovadoras de prestação de serviços de saúde e abrindo grandes oportunidades para o seu uso no caso das epidemias.

A teletriagem pode ser utilizada para manter os indivíduos assintomáticos ou com sintomas moderados em casa e encaminhar os casos graves para os hospitais, permitindo ganhar tempo e evitar a sobrecarga nos serviços de saúde.

Partindo desse princípio, a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) criou o programa SOS UNESC – covid-19, um serviço diário que funciona como teletriagem com apoio do curso de Medicina da universidade e do Programa de Residências Médicas e Multiprofissional em Saúde. O Programa conta com 72 residentes da área da saúde, 14 professores da área da saúde e 24 professores médicos à disposição da população, tendo como foco o

atendimento virtual de pacientes com dúvidas sobre sintomas, formas de agir e, sobretudo, selecionar os casos para encaminhamentos às Unidades Básicas de Saúde, Centro de Triage para coronavírus e hospitais de Criciúma e região.

Durante sua implementação, foram realizadas reuniões de alinhamento para que os profissionais estivessem capacitados para o serviço de teletriagem, que funciona por meio de um número de WhatsApp, pelo qual o indivíduo é recebido inicialmente por um robô que simula um ser humano na conversação e que realiza a pré-triagem. Se o paciente apresentar algum sintoma, o sistema automaticamente o encaminha a um dos residentes que aplica o questionário.

Na avaliação realizada pelo residente, são levantados dados epidemiológicos e dados clínicos referentes aos sinais e sintomas do paciente. Seguindo os parâmetros do protocolo de atendimento e o resultado das respostas do solicitante, os residentes e tutores avaliam a necessidade de encaminhá-lo e ao médico de suporte, que também atende o paciente de maneira remota. Por fim, o profissional de saúde repassa as orientações ao paciente, que podem ser: isolamento social ou encaminhamento para os serviços de saúde de Criciúma e região.

O uso da teletriagem para enfrentar esse desafio de saúde pública aumentará a aceitação governamental de tais tecnologias para outras áreas da saúde no futuro. Essa experiência projeta perspectivas de assistência à saúde, de modo a qualificar e otimizar os serviços; o que torna coerente imaginar que, passada essa pandemia, o campo das tecnologias digitais adquira uma nova configuração que fortaleça os sistemas de saúde.

OBRAS CONSULTADAS

ALWASHMI, Meshari F. The use of digital health in the detection and management of covid-19. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, [s.l.], v. 17, n. 8, p. 1-7, abr. 2020.

CAETANO, Rosângela *et al.* Desafios e oportunidades para telessaúde em tempos da pandemia pela covid-19: uma reflexão sobre os espaços e iniciativas no contexto brasileiro. *Cadernos de Saúde Pública*, [s.l.], v. 36, n. 5, p. 1-16, maio 2020.

A UTILIZAÇÃO DE ERVAS E PLANTAS MEDICINAIS COMO FORMA DE CUIDADO À SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DA COVID-19

Jamine Bernieri

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov37>

Neste momento de enfrentamento da pandemia do coronavírus é comum ouvir pessoas queixando-se de sintomas relacionados ao sofrimento mental. Sabe-se que os problemas de saúde mental já acometiam um elevado número de pessoas em nossa sociedade, porém com a presença desse “inimigo invisível e ameaçador”, o coronavírus, circulando entre os indivíduos, e com a necessidade do distanciamento social, evidenciou-se um aumento na quantidade de pessoas buscando atendimento nos serviços de saúde, com queixas relacionadas ao sofrimento mental.

O sofrimento mental é caracterizado por um conjunto de sintomas não psicóticos como a insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas (múltiplas queixas de problemas físicos persistentes que estão associadas a pensamentos, sentimentos e comportamentos excessivos).

Diante desse contexto, torna-se relevante que os profissionais de saúde, principalmente da Atenção Primária à Saúde, busquem alternativas de cuidado voltadas ao alívio de tais sintomas.

Sabe-se que a utilização de ervas e plantas medicinais para tratar sintomas de doenças está muito presente na cultura brasileira, sendo que seu uso além de ser de baixo custo, promove o uso sustentável da biodiversidade e reconhece as práticas populares e tradicionais como forma de cuidado.

Considerando tal prática relevante, uma enfermeira envolveu equipes de Estratégia Saúde da Família, de um município ao norte do Rio Grande do Sul, na realização de uma ação de educação permanente à população voltada à utilização correta de ervas e plantas medicinais, como forma de aliviar os sintomas de sofrimento mental.

Nesse sentido, foi desenvolvido pela equipe um folder educativo embasado em evidências científicas sobre ervas e plantas medicinais indicadas para tratar os sintomas de sofrimento mental apresentados pelos pacientes no serviço de saúde. Para a elaboração do material, teve-se o cuidado de selecionar ervas e plantas conhecidas e de fácil acesso da população local. Foram incluídas no folder: imagens de ervas e plantas medicinais, sua indicação, dose recomendada, parte a ser utilizada, forma de utilização (infusão, aromaterapia e confecção de travesseiros aromáticos), além de orientações sobre cuidados a cerca da utilização.

Depois da impressão gráfica, os folders foram entregues aos Agentes Comunitários de Saúde para distribuição às famílias e também dispostos na Unidade Básica de Saúde. Espera-se com o desenvolvimento dessa ação educativa ter contribuído para o aumento do conhecimento das pessoas sobre o uso correto e seguro de ervas e plantas medicinais como forma de amenizar os sintomas de sofrimento mental.

OBRAS CONSULTADAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC-SUS)*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis. *PICs e covid-19: Compilado de Práticas Terapêuticas para o autocuidado, fortalecimento da imunidade e bem-viver, durante e após a pandemia*. 2. ed. Florianópolis: Secretaria Municipal de Saúde, maio, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2IsFMzb>. Acesso em: 13 jun. 2020.

The background of the entire page is a dense, stylized illustration of a crowd of people. Each person is wearing a white face mask. The crowd is rendered in various shades of blue and white. Overlaid on this crowd is a large, white, stylized graphic of a virus particle, resembling a crown or a star with several rounded, protruding points. The virus graphic is centered and occupies a significant portion of the upper and middle sections of the page.

INTERFACES LITERÁRIAS

Escritos literários que se materializam em poesias, contos,
crônicas sobre a pandemia.

O LEGADO DA PANDEMIA

Nayara de Souza Moraes

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov38>

Do nada surgiu um vírus que se espalhou no mundo todo
Afetando sem distinguir raça, gênero ou idade
Em questão de dias mudamos todos os nossos hábitos
Mudando rapidamente a nossa realidade.

O que antes era algo simples, como um abraço
Hoje é algo que está sendo privado
Não sabemos quando voltaremos a ter tanto contato
Mas nada nos impede de cuidar de quem está ao lado.

Em meio a rotina que antes vivíamos
De trabalho árduo e correria
Por muitas vezes esquecíamos
De priorizar o cuidado a quem ao nosso lado vivia.

Atos de amor e solidariedade vêm aparecendo com frequência
O que vem, por muitas vezes, parece mais impactante
Do que medicamento comprovado pela ciência
Nosso mundo estava doente também de algo que é tão importante.

Tomara que quando acabar tudo isso e voltarmos ao mundo “normal”
Não deixemos para trás o que aprendemos com essa pandemia

Vivendo em um mundo em que todos nós vamos ser tratados de igual para igual

Que devemos cuidar de nós e do próximo na mesma sintonia.

DE PASSAGEM, UMA PANDEMIA

Quincas Avelino

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov39>

Para Nilza, Sebastião e suas Romarias. Trouxe, para além da errância, um frio no peito, um gelo triste entre trópicos. O caderno de sonhos está abarrotado até as lombadas de notas –sobre lugares e marginalias. A desigualdade fica, ainda mais, latente, sobretudo a racial, que muitos ainda insistem em dizer que é “desigualdade humana” e “mimimis” como anda na moda (com bastante exclamação). São tempos pós-contemporâneos de pandemia.

A mesma errância que o “marxismo cultural” tenta, a duras penas, transformar em ócio criativo, parece desequilibrada; o bar está fechado, o curioso antimonopólio está cerrado, não por escolha. Próximo dali picharam no muro, o livro semântico dos imaginários da estudantina:

— Onde enfei meu psicoativo?

Os notívagos deixam o rastro da memória; – famintos por um verão, por um carnaval, sempre na terceira pessoa. Pelo amor das deusas com a benção do bispado normativo – o santíssimo –, recorreremos aos corredores; a gramática científica é uma isca para qualquer demônio que insista na transgressão de dizer, ao menos um dia, que fugiu à censura. Nos corredores do Direito a professora sofreu tentativa de abafar o caso, em plena formatura, mas vejam vocês terceiras pessoas, a educação é emancipadora. Já nos corredores da medicina prenderam a dopamina no centro acadêmico. Oras, tudo por causa de uma “gripezinha”!

Afinal, se o próprio peito não cabe na vida, como caber, a duras preces, em caracteres (cárceres) contidos, restritos e enrustidos?

Pixinguinha, prevendo a gripe espanhola e driblando o racismo, visitou a Banda Cruzeiro do Sul e foi muito saudado no Sul do Brasil ao se apresentar em um sarau de improviso. A legião de carvoeiros estava presente,

não pela ditadura do proletariado, mas pela grandiosa presença do músico carioca em visita ao lugarejo das minas. A rádio tentou transmitir ao vivo, mas não tinha sinal que derrubasse a gripe. Ao chegar na porta, dirigiram o gênio à entrada lateral (das pessoas funcionárias). Pixinguinha nem sequer perguntou:

— **Sabe com quem você está falando?**

Entrou pela cozinha, passou no meio da fumaça do óleo de fritar acarajé, de tabuleiro, e não teve, na apresentação, fonética que transcrevesse o choro “Língua de Preto” e seus complexos acentos bantos. Os músicos questionaram o gênio. Chamaram o dono da banda, o comissário, Zé Pelintra, até Chiquinha Gonzaga mandaram chamar, mas não teve jeito: o músico já tinha entrado pelos fundos e lamentou, lamentou... O porteiro pediu perdão e disse que eram ordens da diretoria.

Ao final de tudo, Pixinguinha perguntou à plateia:

— **O que fariam os carijós sem a literatura oral? E os Laklãnô/Xokleng ou ainda os Kaingang?**

E dirigindo-se aos mestres e professoras sorriu:

— **Não batizem suas escolas com nome de gente morta!**

Sem reação, o público, aplaudiu.

OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. 2. ed. Lorena: UK'A Editorial, 2018.

ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA

Luiza Borges Rodrigues

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov40>

Olhar o invisível
Significar, até onde é possível?
Fantasiar o que me foi permitido
Sentir, sinto medo do desconhecido

Do temor salienta o cuidado
Quer quem eu seja
Quem onde eu esteja
Não me permito ser mais um alienado

Nessa rima não sou um
Sou parte do que possuímos em comum
Às vezes fragmentado e defasado
Como se não fosse também apropriado?!

Agir estando paralisado
Nesse caos, como posso sofrer calado?
E há quem queira me calar... somos bilhões de vozes a ecoar
Na esperança do direito à vida, que não em cima de uma balança
sem medida

REFLEXÕES PANDÊMICAS

Mariane Amanda de Oliveira

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov41>

No pequeno apartamento existem três janelas
Não eram as mais antigas, bonitas ou valiosas
Porém, quando o morador solitário encontrou-se confinado e em
práticas ociosas,
As pequenas janelas passaram a refletir as tonalidades mais belas

A primeira tonalidade era a solidão
O morador solitário não parecia dar-se conta dela
Sabendo sobre o mundo por meio de uma ou outra espiadela
Não saberia dizer se esse tom sempre esteve ali ou não

Outra interessante tonalidade era a liberdade
Essa parecia confundir-se com os tons de azul nas janelas
Todas aqueles azuis como em diferentes telas
Fê-lo pensar se tratou seu azul com sinceridade em toda a sua verdade

Uma constante tonalidade era a saudade
O morador solitário aprendeu a sempre conviver com ela
Com sua família distante e com o risco de sequela
Tinha decidido com a intensidade de seu amor, dar a segurança
sua fidelidade

As inúmeras tonalidades refletidas nas janelas

Fizeram com que o morador indagasse: conheci a ti mundo, antes delas?

Elas discretas e singelas gritavam: efêmera é tua estada! Não te esqueças dela!

O morador colorido pela intensidade das cores provindas delas respondeu: quando não mais precisar olhar tonalidades pela janela, prometo dedicar-me a minha jornada curta e bela.

COM-TATO

Thalita Gheleri Bauer

Alice da Silva Meis

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov42>

Em um fim de tarde ensolarado de outono, diante de uma pandemia, três irmãos ficaram sabendo de uma árvore que, até então, era apenas uma árvore “qualquer”, mas que repentinamente ficou famosa e tão aclamada por todos da cidade onde a árvore reside, por conta de sua longevidade. Para eles seria apenas um momento de respiro, um reencontro com a natureza.

Chegando ao local, depararam-se com uma multidão de pessoas, e muitos *flashes* voltados à anciã árvore. Os irmãos ficaram um tempo esperando na fila e seus olhares foram tomados por um horizonte encantador, sublime, que os tirou o fôlego e possibilitou refletir sobre a vida e as suas maravilhas. Os jovens ficaram intrigados por perceber que as pessoas ao redor pareciam não notar.

No momento da apreciação, depararam-se com uma fenda existente na anciã, na qual direcionava-os ao encontro da paisagem sublime. Não era a árvore em si, mas o que a mesma estava contemplando. As pessoas tiravam fotos e mais fotos com o rosto para fora da fenda que se encontrava no centro da árvore oca, procurando o melhor ângulo, para postar em suas redes sociais, não percebendo o que estava bem à sua frente.

Isso reflete o momento que estamos vivendo mundialmente, sendo que a muito tempo a *selfie* vem sendo mais importante que um abraço, não percebendo assim o que está em nossa volta. Estamos focados em mostrar a nossa “vida” nas redes sociais e esquecemos o calor humano, as pessoas estão reclamando da falta de contato nessa pandemia mundial, mas esqueceram que esse contato se perdeu há muito tempo.



Créditos: Alice da Silva Meis.

VIVENCIANDO UMA PANDEMIA

*Dipaula Minotto da Silva
Tamires Rosa Pacheco*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov43>

E daí você para.

Para, pensa: “como vou ter que parar?”

O medo vem, a percepção traz a realidade.

Traz a morte, o sofrimento, o medo.

Sim, é uma tragédia que estamos vivendo.

A vida humana está em ameaça.

Claro! Ela já estava há tempo. Mas agora é um desastre, não se sabe sobre este “ser”.

Mas, o que é a vida humana? Como estava a vida humana? Que sentido tinha essa vida?

Quando se para, se pensa na família, nos amigos e pacientes que estávamos assistindo.

“Fique em casa!” Esse é o recado, ficar em casa salva.

“Trabalhe de forma remota”.

Mas e quem não pode trabalhar de forma remota?

Pensa um pai de família: “E meu trabalho? Meu filho? O dinheiro para comprar o pão de cada dia?”

Ai, que difícil! Se vou não sei se volto.

Não sei se matarei minha família indo ou não indo.

Nossa! Que difícil! Ligo a TV e vejo número de mortes crescendo.

Vejo caminhões de frigoríficos conservando corpos.

Vejo covas, famílias sem poder velar seus entes queridos.

Será que tudo isso vai traumatizar a população?

Ou será que seguiram negando a situação?

Vejo pessoas fazendo filas em agências bancárias,

Ei, a transmissão ocorre quando estamos aglomerados.

Mas essas pessoas estavam lá, por necessitarem de auxílio de dinheiro, para sobreviverem. Isso é triste.

A máscara salva, salva mesmo. Mas não vejo expressões, não vejo sorrisos.

Vejo profissionais da saúde cansados, tristes, no automático.

Esses profissionais arriscando suas vidas para salvar ao próximo,

Para cumprirem sua missão, que bonito, mas que triste ao mesmo tempo.

O que salva também é o álcool 70%, a água e o sabão, mas nem todos os têm.

Contemplação do pôr do sol em tempos da covid-19.

VIMOS, VIVEMOS E VIVEREMOS

Josiane Javorski

Fernanda de Souza Fernandes

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov44>

Ainda havia purpurina nas ruas. A chuva, em sua competência, não tinha conseguido levar o mar carnavalesco colorido e brilhante para dentro dos bueiros.

Fazia calor no trópico e o suor das nossas bocas ainda não estava censurado. Podíamos estar bem perto a ponto de falar ao pé do ouvido coisas sem méritos, porque na verdade queríamos estar na geografia entre as orelhas e o pescoço. Ali, o hálito era uma forma de presença. Podíamos suspirar sentindo os cheiros dos corpos alheios próximos, bem próximos, em emaranhados entrelaços, por vezes dentro de fervorosos abraços.

As agendas riscavam os dias ditando as expectativas de espera pela próxima viagem, pelo casamento; pela formatura; pelo nascimento; pela festa de aniversário; pelas bodas de prata; pela hora de ouro...

Mas, então, chega o aviso prévio, embora ainda não parecesse ser uma possibilidade real, e desencadeia receios: haverá casamento? Formatura? Nascimento? Como ficarão os festejos? No pensamento a certeza da merecida hora de ouro, como se não fosse possível perder de vista a travessia no grama-do de um parque qualquer neste país distraído. Não, o aviso prévio não parecia ser real para nós. O mundo é grande demais!

O carro de som que subia a avenida principal, em voz afanhada, lembrava, entre o preço das batatas, que os restaurantes estariam abertos nos sábados solares por incompetência das águas de março. Bastava esperar.

Esperar, como assim? Justo nós, que almejamos as 18 horas de cada dia; as sextas-feiras; que esperamos dezembros; adiamos o uso das melhores louças e roupas; que deixamos para depois o “sim” ou “não”; “te amo”; “desapareça”; nós que deixamos para “a próxima”; que esperamos que o/a outro/a se transforme no que desejamos.

De alguma forma inesperada, desaprendemos o que fazemos de melhor: esperar. Esperar só é bom quando se sabe o que está esperando, quando se sabe o porvir.

E agora? parecemos nos revirar no sofá da nossa própria sala, no des-conforto do nosso lar. Como se, não fosse por isso, nossa vida estaria nos eixos. Teríamos ido à academia, terminado o livro, enriquecido, resolvido o que toda a existência até agora não foi suficiente para resolver.

Agora, só esperamos que os dias se amontoem e levem nossa vida para o futuro. Um futuro que lá na frente não conseguimos alcançar. Um futuro que é esse quase ali, que nunca é aqui; que está sempre dois passos à frente. Esperamos que o futuro venha ao nosso encontro com alguma ternura, que se foi junto dos abraços que ficaram guardados para depois.

Já fez frio e a gente nem lembra do bloquinho de carnaval que participou. Os sorrisos estão embalados e são presentes íntimos, oferecidos ao final do dia, quando o fôlego volta pelos espaços entre as costelas. Os olhos voltaram a dizer tudo que sempre disseram, mas não havia ouvidos prontos. Esses olhos seguem safos, rindo dos rostos que nunca se expressaram de fato e agora lamentam a saudade dos beijos e abraços. Há pressa em contar os dias, sem saber quantos.

Empacotamos a produtividade nas compras *on-line*, e assim termos um fazer para descansar, quando cansarmos do que realmente precisamos fazer: pensar.

No hiato obrigatório, o espelho chamou para um duelo sem vencedores, por detrás deste nariz amassado e bochechas marcadas por elásticos curtos, o que há em nós, o que há de nós, ainda? Depois de tirar as máscaras, experimentamos o indigesto do que virá no fim: nós, sem máscaras, diante um mundo renovado nos convidando a viver a plenitude de todos esses aprendizados.

O TEMOR DA ESCURIDÃO

*Aline Lemes De Souza
Carine Vendruscolo*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov45>

Escuridão, medo, incerteza, tragédia...
Aflição, insegurança, pavor, desespero...
Cenas de um filme de terror, o cenário de um novo mundo,
Sentimentos que afloram em meio a uma pandemia avassaladora,
Que com rapidez se espalhou globalmente,
Tornando todos reféns de um inimigo invisível e temerário.

Exposição, risco, estresse, cuidado, coragem...
Angústia, esperança, dedicação, heroísmo, exaustão...
Sentimentos no dia a dia de quem luta pela vida,
Que, incansavelmente, busca o sol em meio à escuridão,
Um sorriso no rosto, expresso pelo olhar,
Garantia de conforto, durante uma guerra sem previsão de fim.

Os profissionais de saúde merecem respeito,
Por nunca terem desistido,
Muitos adoeceram e até mesmo perderam a vida,
Nesses dias de luta, insaciável é a busca pelos dias de glória.
A ciência ainda investiga a melhor evidência,
Trazendo em meio a esses dias escuros,
Mais esperança e otimismo, confiantes na vitória.

Essa é a interface da covid-19,
Tornando a sociedade em meio a pandemia refém de algo invisível,
Tirou a liberdade de quem já tinha esse vislumbre,
O isolamento é prescrito, mas com efeitos danosos.
Pandemia com números expressivos, de todas as ordens,
E o mundo ainda na busca de apresto, para o desconhecido inimigo.

A crise econômica se tornou mundial,
Trouxe consigo muitas consequências,
Entre elas o desemprego.
Emerge, entretanto, uma importante reflexão: quem são os vulneráveis, afinal?
Essa é a realidade de quem vive essa pandemia,
Que ainda amedronta toda a nação, que busca o sol, pois hoje ainda é escuridão.

EDUCAÇÃO FÍSICA E COVID-19

Geiziane Laurindo de Moraes

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov46>

Em 2020 surgiu uma doença
caracterizada como covid-19.
O novo coronavírus causou uma mudança,
uma incontrollável disseminação que promove
uma pandemia com muita presença
de números de mortes que agora comove.

Recomenda-se o isolamento social,
ficar em casa e manter medida preventiva.
E para a saúde é fundamental
uma rotina fisicamente ativa.

Nesse período o comportamento sedentário
desencadeia o aumento do peso e outras comorbidades.
Portanto, evite ficar muito tempo sentado
e aproveite para fazer muitas atividades.

A prática de Atividade Física é benéfica para a imunidade
e reduz o risco de contaminação.

Manter uma prática de Atividade Física de intensidade moderada e
com assiduidade
torna o sujeito, então,
com boa saúde e maior longevidade.

Vale ressaltar que a OMS preconiza no mínimo 150 minutos de Atividade Física semanal, mas apenas para adultos, pois a faixa etária mais jovem utiliza a prática de 300 minutos como valor condicional.

É essencial a orientação por um profissional da área que adeque as condições individuais e proporcione qualidade de vida necessária por meio de ferramentas virtuais.

Contudo, a recomendação à população é realizar Atividades Físicas regularmente podendo utilizar os animais de estimação como alternativa esporadicamente.

Os hábitos saudáveis ajudam as famílias em isolamento social a passarem por esse momento com uma condição de boa saúde física e mental.

E SE?

Renata Ribeiro Costa Machado

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov47>

E se eu tivesse usado máscara?
Ah, mas foi só um dia.
E se eu tivesse lavado bem as mãos?
Ah, mas foi só uma vez.
E se eu tivesse ido sozinho ao mercado?
Ah, mas não foi rebeldia.
E se eu tivesse ficado em casa?
Ah, não ficaria doente, TALVEZ.
Talvez não estaria no hospital,
Na solidão,
Na depressão,
Sem respiração,
Talvez não estaria sofrendo
Morrendo
Morrend
Morren
Morre
Morr
Mor
Mo
M
.

PANDEMIA NUTRICIONAL

Ednara Savio Caetano

Rita S. Vieira Ribeiro

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov48>

Na televisão se fala em aumentar a imunidade
que assim o vírus não vem com facilidade,
mas o que eu faço com essa desigualdade?
O isolamento social é fundamental
e que a alimentação deve ser adequada e nutricional
porém o que eu como ou bebo fica só no mental
Dinheiro, força e poder;
o vírus não precisa escolher;
e o que a criança quer é só comer.
Escuto no rádio para evitar aglomeração,
mas minha casa só tem uma acomodação
onde eu faço tudo, inclusive minha refeição.
E por falar em nutrição,
esse vírus está sendo minha perdição
porque sempre tive menos alimentação.
Fui esmagado e reprimido pela sociedade
e hoje em cada canto da cidade
eu vejo pessoas refletindo sobre humanidade.

NA COVA DE CAL

Alan Cichela

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov49>

A solidão me provoca;
me coloca (de frente);
me faz pensar;
me faz agir.

Eu sento e me olho;
vejo todos os sentimentos,
sem qualquer excitação,
sei que estou só.

Solidão
(estar só) é
estar de frente
a um muro.

Na cova,
isolamento.
revestido de cal,
o odor matinal.

A PANDEMIA ÀS MARGENS DA SOCIEDADE

Victor Fernandes Alexandre

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov50>

A covid na comunidade bateu forte
A vida já não era bela
Entre os becos e vielas
Mas dessa vez ficaram sem norte
Dona Maria pediu o auxílio
Seu João trabalhou dobrado
Dona Terezinha perdeu seu filho
Todos queriam exílio
Todavia, irão para aonde?
Se a pandemia tomou tudo
Tantas famílias de luto
O que está acontecendo com o mundo?
Saúde mental já não existe mais
Alguém está pregando uma peça?
Todos sonham sair dessa
Para não ser mais um aqui jaz.



INTERFACES DOS CENÁRIOS

Imagens da vida e do cotidiano dos profissionais de saúde durante a pandemia.

CRISE AGUDA DOS VALORES HUMANOS²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov51>



Créditos: Filipe Fernandes Gabriel.

2 A crise sanitária que está sobre nós impede que as pessoas mantenham o distanciamento social, mostrando que o impasse é crônico.

SOBREVIVENTES³

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov52>



Créditos: Joao Luis Silva Rieth.

3 A rua como espaço de socialização urbana resgata a sua importância no contexto da pandemia aos sobreviventes que desejam recuperar o contato humano. A atmosfera deixa de ser sombria apesar do cenário caótico.

SORRIR COM OS OLHOS⁴

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov53>



Créditos: Guilherme Souza De Oliveira.

⁴ Em tempos de pandemia, que o sorriso dos teus olhos seja fonte de luz e alegria.

QUINTA-FEIRA⁵

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov54>



Créditos: Julia Berto Cirio de Castro.

5 O estabelecimento fotografado é um pequeno negócio, e a intenção do “clique” é mostrar a realidade desse serviço, diante da pandemia atual ocasionada pela covid-19.

PELOS CORREDORES E QUARTOS DO HOSPITAL⁶

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov55>



Créditos: Fernanda de Souza Fernandes.

⁶ O sentido da vida parece estar em viver o sagrado, presente em cada momento do viver.

COVID-19 E EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL: UMA REALIDADE⁷

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov56>



Créditos: Daiane Mendes de Assis Réus.

V
O
L
T
A
R

A
O

S
U
M
Á
R
I
O

⁷ No Brasil, desde meados de março de 2020, uma nova realidade se instalou nas rotinas dos profissionais de saúde. A paramentação e uso dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) se tornaram fundamentais para segurança e atendimentos aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) no combate a pandemia devido ao novo coronavírus.

SOLITÁRIO E SERENO⁸

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov57>



Créditos: Amalhene Baesso Reddig.

8 Esse banco acolhedor, tranquilo e colorido é sempre um convite ao descanso, diálogo e reflexão. Em todas as estações passo por ele e percebo namoricos, confissões, sorrisos, silêncios... Nesse outono de 2020, o encontrei solitário e sereno. Talvez, como nós todos, esteja em isolamento social.

DEVANEIOS DE UM LUGAR⁹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov58>



Créditos: Andressa Gomes Flor.

9 Precisamos de constante contato com outras pessoas. E, o distanciamento social mostra como somos frágeis. Porém, isso faz com que a percepção aflore os pensamentos. Na fotografia, congelar as lembranças e contemplar o tempo de interiorização com seu “eu”, “meu” e “vossa” memória.

QUANDO VOCÊ É CUIDADO POR SEU COLEGA DE TRABALHO¹⁰

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov59>



Créditos: Fernanda Vicenzi Pavan.

10 Quando o profissional de saúde se torna paciente, mesmo que por breve momento, e necessita do outro, gera certa insegurança. Porém, quando o colega de trabalho volta o seu olhar com afeto e legitima o sofrimento, aquele encontro torna-se potência e dissipa qualquer incerteza.

ROTINA DE TRABALHO E SUAS ADAPTAÇÕES¹¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov60>



Créditos: Janaína Tápparo Braier.

¹¹ Diante dos desafios e exigências que têm permeado o período pandêmico, registra-se a necessidade de adaptações. Inclui-se aqui o uso de equipamentos de segurança bem como o uso mais frequente das ferramentas de tecnologias, com intuito de manter a oferta dos atendimentos e suporte terapêutico.

IDOSOS EM AULA POR RECURSOS TECNOLÓGICOS¹²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov61>



Créditos: Anderson Felisberto Cristiano.

12 Em tempos da covid-19, os idosos utilizaram-se da resiliência com a ajuda dos profissionais da área da educação e da saúde, ressignificam-se aprendendo a utilizar plataformas *on-line* para dar continuidade em suas atividades sociais.

GRADEAMENTO I¹³

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov62>



Créditos: Juliana Drewke Oliveira.

13 Em meio ao isolamento social, tornou-se comum a introspecção dos sujeitos isolados e o sentimento de estar preso, tanto em sua casa, quanto em sua mente. A produção Gradeamento I retrata essa perspectiva e os olhares distantes através da janela que aqui representa um futuro incerto.

DIÁLOGO E CONSCIENTIZAÇÃO: COMPONDO MODOS DE FAZER SAÚDE EM TEMPOS DE PANDEMIA¹⁴

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov63>

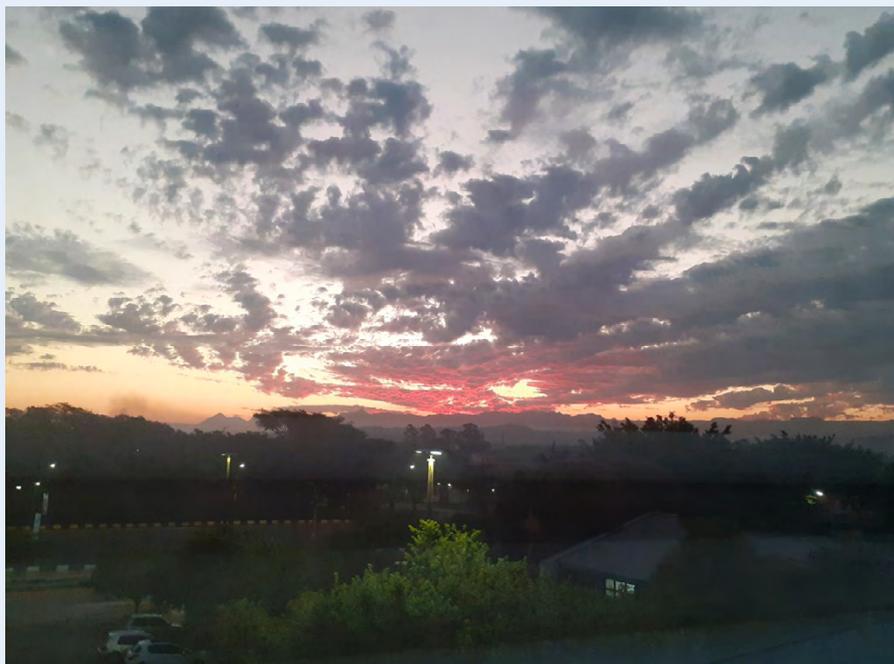


Créditos: Fernanda Nascimento D'agostin.

14 Diálogo entre a Equipe de Saúde da Família e a comunidade visando à promoção e prevenção da saúde, como ferramenta de grande importância no acesso e cuidado integral, de modo a produzir vínculo e conscientização sobre o processo de trabalho em tempos de pandemia.

CONTEMPLAÇÃO DO PÔR DO SOL EM TEMPOS DA COVID-19¹⁵

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov64>



Créditos: Andréia Borges Bartolomeu.

15 Nos momentos normais, corrido do nosso dia a dia, talvez não contemplamos as belezas que a natureza nos proporciona, agora que estamos no meio de uma pandemia, que nos fez parar, diminuir nosso ritmo, tudo agradecemos e contemplamos, e que assim permaneça sempre.

SER PROFISSIONAL DE SAÚDE EM TEMPOS DA COVID-19¹⁶

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov65>



Créditos: Jamine Bernieri.

16 Ser profissional de saúde, nesse momento de enfrentamento da pandemia de covid-19, faz com que tenhamos que estar permanentemente em busca de conhecimentos para atender adequadamente a população. É vestir-se de coragem, determinação e principalmente de AMOR pela profissão e pelo próximo!

MEDIDAS NECESSÁRIAS¹⁷

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov66>



Créditos: Alex Paulo Zeferino Padilha.

¹⁷ Com a terrível pandemia, foram necessárias adotar medidas para a volta das atividades. O transporte público é um dos locais com mais probabilidade de contaminação pelo novo vírus, dessa forma a retirada de acentos foi uns dos métodos adotados para a proteção dos usuários e colaboradores.



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

